ALICE
NO PAÍS DAS
MARAVILHAS
WIS CARROLL
TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE
MONTEIRO LOBATO
EDITÔRA BRASILIENSE

LIVROS INFANTIS
de
MONTEIRO LOBATO

A EDITÔRA BRASILIENSE é a editôra exclusiva dos livros de MONTEIRO LOBATO. Além das coleções encadernadas das obras completas do grande autor, esta editôra publica todos os seus livros em edições avulsas. São os seguintes os livros infantis de MONTEIRO LOBATO:

Reinações de Narizinho
Viagem ao Céu
O Saci
Caçadas de Pedrinho
Hans Staden
História do Mundo para as Crianças
Memórias da Emília
Peter Pan
Emília no País da Gramática
Aritmética da Emília
Geografia de Dona Benta
Serões de Dona Benta
Histórias das Invenções
D. Quixote das Crianças
O Poço do Visconde
Histórias de Tia Nastácia
O Picapau Amarelo
A Reforma da Natureza
O Minotauro
A Chave do Tamanho
Fábulas
Os Doze Trabalhos de Hércules (em 2 volumes).

TRADUÇÕES

CONTOS DE GRIMM
NOVOS CONTOS DE GRIMM
CONTOS DE ANDERSEN
NOVOS CONTOS DE ANDERSEN
ALICE NO PAIS DO ESPELHO
ALICE NO PAIS DAS MARAVILHAS
ROBINSON CRUSOE
CONTOS DE FADAS

A VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

Edição da
EDITÔRA BRASILIENSE
Rua Barão de Itapetininga, 93 — São Paulo

À Rosa Maria, esperando que tome bastante gôsto pelas boas leituras e que seja feliz nos estudos. Uma recordação do natal de 58 do família Ávila.

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Monteiro Lobato

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

POR LEWIS CARROLL

8.ª EDIÇÃO

1958
EDITÔRA BRASILIENSE
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 93 — S. PAULO

ÍNDICE

PREFÁCIO

HÁ SESSENTA e tantos anos um professor de matemática de Oxford, Lewis Carroll, muito amigo das crianças, fêz um passeio de bote pelo Tâmisa com três menininhas. Para diverti-las foi inventando uma história de que elas muito gostaram.

Chegando em casa teve a idéia de escrever essa história — e assim nasceu para a biblioteca infantil universal mais uma obra-prima — "Alice in Wonderland."

Ficou famoso o livro entre os povos de língua inglêsa. Foi traduzido em outros idiomas. Seu autor imortalizou-se.

Hoje aparece em português. Traduzir é sempre difícil. Traduzir uma obra como a de Lewis Carroll, mais que difícil, é dificílimo. Trata-se do sonho duma menina travêssa — sonho em inglês, de coisas inglêsas, com palavras, referências, citações, alusões, versos, humorismo, trocadilhos, tudo inglês, isto é, especial, feito exclusivamente para a mentalidade dos inglesinhos.

O tradutor fêz o que pôde, mas pede aos pequenos leitores que não julguem o original pelo arremêdo. Vai de diferenças a diferença das duas línguas e a diferença das duas mentalidades, a inglêsa e a brasileira.

Há dois anos o original manuscrito de "Alice in Wonderland", do próprio punho do autor, apareceu num leilão de

livros velhos em Londres. Vários pretendentes o disputaram, entre êles o Museu Britânico, que havia destinado para a sua aquisição uma verba de 12.500 libras esterlinas. Essa verba foi insuficiente. Um americano apareceu, que lançou mais e afinal ficou com o manuscrito pela quantia de 15.400 libras, ou 75.259 dólares. Qualquer cousa como um milhão e quinhen-

tos mil cruzeiros ao câmbio de hoje. Isto mostra o alto grau de aprêço em que em certos países é tida a obra literária.

As crianças brasileiras vão ler a história de Alice por artes de Narizinho. Tanto insistiu esta menina em vê-la em português (Narizinho ainda não sabe inglês), que não houve remédio, apesar de ser, como dissemos, uma obra intraduzível.

— Serve assim mesmo, disse ela ao ler a tradução da primeira parte hoje publicada (a segunda "Through The Looking Glass", inda é mais maluca) (*). Dá uma idéia, embora "muito pálida", como diz a Emília"...

(*) Vide o outro volume desta série, *Alice no País do Espelho.*

CAPÍTULO I

VIAGEM À TOCA DOS COELHOS

ALICE ESTAVA sentada com sua irmã num banco do jardim. Como não tivesse o que fazer, começou a aborrecer-se. Olhava com cara de enjôo para o livro que a irmã lia.

— Que coisa sem graça, livro sem figura nem diálogos! . . .

Do livro o seu olhar foi ter a um canteiro de margaridas que havia perto, e ela pensou lá dentro da sua cabecinha se valeria a pena levantar-se do banco para fazer um buquê. Pensou só, porque o dia estava quente

e ela com uma grande preguiça. Nisto um Coelho Branco, de olhos côr de pitanga, apareceu no jardim.

Alice não estranhou aquilo, como também achou muito natural que o Coelho murmurasse consigo mesmo: "Como é tarde, mamãe!"

Em seguida o Coelho puxou do bôlso do colête um relógio para ver que horas eram. Isto, sim, Alice estranhou, pois nunca tinha ouvido falar de Coelho que usasse colête e relógio. Ergueu-se então e dirigiu-se para o animalzinho, o qual fugiu assustado. Alice disparou

atrás. O Coelho meteu-se por uma toca. Alice também, sem refletir que é muito fácil entrar em toca, mas muito difícil sair.

Era um túnel estreito e comprido, que em certo ponto virava um buracão de não acabar mais. Alice es-

corregou e caiu no buraco. Caiu, e foi caindo e não acabava mais de cair. Ou então foi caindo tão devagar que o buraco parecia mais fundo do que realmente era. Alice nunca pôde esclarecer êste ponto.

Enquanto ia caindo, ia olhando para baixo, a ver se enxergava alguma coisa. Nada enxergou; o fundo era escuro como a noite. Olhou então para os lados e viu muitos armários e estantes de livros, e também mapas

pendurados. Num dêsses armários havia um pote com letreiro. Alice leu: "*Laranjada*". Destampou o pote, já lambendo os lábios e com água na bôca. Vazio! De raiva, ia jogá-lo no fundo do buraco; mas lembrou-se que poderia cair na cabeça de alguém e botou-o de novo no lugar. E continuou a cair.

Sim, senhor! "pensou com o seus botões. "Depois duma queda destas fico mestra em tombos. Poderei cair da escada lá em casa sem susto nenhum. E até do telhado! E todos vão arregalar os olhos, espantados da minha valentia."

Alice caiu, caiu, caiu. Não chegava nunca ao fim do buraco. "Quantos quilômetros já terei descido? pen-

sou. Com certeza estou pertinho do centro da terra, a uns 6.600 quilômetros, talvez."

Alice tinha aprendido na escola aquilo de quilômetros e centro da terra. Por isso aproveitou o momento para recordar a lição.

Sim continuou. "A distância que já caí deve andar nuns 6.600 quilômetros, pelo menos. Em que latitude e longitude estarei?"

Outra coisa que tinha ouvido na escola: isso de latitude e longitude. Não sabia o que era, mas gostava de repetir palavras tão científicas.

Depois disse: "Gostaria de saber se estou caindo bem a prumo pelo interior da terra. Seria engraçado se atravessasse a terra inteirinha e fôsse sair do outro lado, onde está a gente que anda de cabeça para baixo. Creio que se chamam "antípedes." Alice pensou isso, mas percebeu logo que tinha errado. Era *antípodas* que queria dizer. E ficou muito satisfeita de que sòmente tivesse pensado errado, em vez de dizer errado em voz alta. Imaginem se alguém a ouvisse pronunciar semelhante asneira!"

E pôs-se a imaginar a sua chegada à terra dos antípodas. Encontraria na rua uma senhora. Dirigia-se a ela e perguntaria: "Diga-me, cara senhora: é isto por aqui a Nova Zelândia ou a Austrália?" (Fêz a pergunta de modo muito gentil, como é de uso entre as meninas bem educadas.) Mas viu logo que se assim procedesse daria sinal de ignorância, e resolveu que nada perguntaria. Em vez disso, olharia para os letreiros das casas e as placas das ruas para verificar em que país estava, sem ter necessidade de perguntar nada a ninguém.

Alice continuava a cair, cair, cair. Não podia fazer outra coisa senão cair. Para matar o tempo, começou a pensar na sua gatinha Diná. "Coitada! Creio que Diná vai estranhar muito a minha ausência esta noite. Bom será que não se esqueçam de lhe dar o seu pires de leite, à hora do chá. Minha cara Diná, eu só queria ver você aqui neste buraco para caçar uns morcegos. Sim, porque

estou caindo no ar e no ar não há rato, há morcegos, que são ratos de asas. Mas será que gato come morcêgo?"

Alice começou a sentir uma certa sonolência e nesse estado o pensamento fica preguiçoso. Entrou a repetir muitas vêzes a mesma frase: "Gato come morcêgo?" Às vêzes repetia errado: "Morcêgo come gato?" E como não obtivesse resposta continuava a repetir

sempre a mesma pergunta. Por fim sentiu que ia adormecer e que começava a sonhar. Sonhou que estava passeando com a Diná e que ia dizendo à gatinha: "Mas será mesmo verdade que você come morcêgo?"

Nisto, *zás!* tropeçou num monte de paus e fôlhas sêcas. Tinha chegado ao fundo do buracão.

Alice não se machucou. Ergueu-se de um pulo e olhou para cima. Nada pôde ver; tudo escuro como a noite. Olhou para a frente; havia um corredor por onde naquele momento ia passando o Coelho Branco. Correu-lhe empós e pôde vê-lo murmurar numa esquina: "Como é tarde, como é tarde!" Alice também dobrou a esquina, mas não viu mais o Coelho. Em vez do Coelho deu com uma grande sala iluminada de numerosas lâmpadas pendentes do teto.

Nas paredes havia portas, mas tôdas fechadas. Tentou abri-las; não pôde. Ficou então no meio da sala, a olhar para todos os lados, convencida de que seria muito difícil sair dali.

De repente se achou defronte de uma mesa de três pés, tôda de cristal. Em cima viu uma pequena chave de ouro, que imaginou ser de alguma das portas. Experimentou-a em tôdas as fechaduras, verificando que não servia em nenhuma. Dando outra volta Alice reparou numa cortina que não havia notado antes. Atrás da cortina existia uma portinha de um palmo de altura, na qual a chave de ouro serviu muito bem.

Aberta a portinha, Alice descobriu um novo corredor, estreito e bastante comprido, que parecia caminho de ratos. Ajoelhou-se, espiou e viu, bem no fundo, um belíssimo jardim. Quis ir para lá, mas como passar

por uma portinha tão estreita? Nem sua cabeça cabia. "Oh, exclamou, que pena a gente não ser como os óculos de alcance, que espicham à vontade! Se eu pudesse espichar-me, como óculos de alcance ou bala puxa-puxa, iria, já e já, ver aquêle jardim tão lindo."

Não sendo possível aquilo, Alice ergueu-se e voltou para perto da mesa, esperando encontrar outra chave

ou algum livro mágico que lhe ensinasse a virar em óculos de alcance ou bala puxa-puxa. Só encontrou um vidrinho (que antes não estava lá) com um letreiro dizendo: *Beba-me.*

"Muito fácil dizer "beba-me", pensou Alice," mas não sou nenhuma tôla para ir bebendo o que não sei o que é. Vou ler o que está escrito em baixo do letreiro para verificar se não é veneno."

Alice havia lido várias histórias de meninas que se queimaram, ou foram devoradas pelas feras, por não

darem atenção ao que os pais ensinam. Sabia que quando a mamãe diz, por exemplo: *ferro em brasa queima, faca de ponta espeta, navalha corta o dedo e sai sangue,* é porque tudo isso é verdade. Sabia também que bebendo qualquer droga de vidro marcado com a palavra *Veneno,* o certo é morrer de morte horrorosa.

Mas como o vidrinho não trazia a palavra *Veneno,* Alice resolveu provar o líquido que havia nêle. Provou-o com a ponta da língua; achou-o gostoso. Provou mais

e acabou bebendo tudo (de fato era apenas um licor de cereja muito bom.)

* * *

"Que coisa esquisita!" exclamou Alice. "Parece que estou a encolher-me tôda, como um óculo de alcance!"

E assim era. Estava encolhendo tanto, e tanto encolheu, que ficou de meio palmo de altura. Chegou a sentir-se nervosa, de mêdo de ficar pequenininha como tôco de vela de árvore de Natal.

Isso também não. Essas velas vão diminuindo, diminuindo, e de repente o pavio cai para um lado e era uma vez a vela. Extinguem-se. Não! Não! Não queria acabar a vida assim. E esperou uns minutos, muito ansiosa, a ver se parava de encolher. Felizmente parou em meio palmo. Ora graças!

Assim que se pilhou pequenininha, correu à portinhola com a idéia de ir ao jardim. Mas lembrou-se que a tinha fechado e pôsto a chave em cima da mesa. E agora? Como tirar a chave de lá? Alice tentou todos os meios. Tentou subir por uma das pernas da mesa; tentou pular. Nada conseguiu e, desesperada, sentou-se no chão e chorou.

De repente disse para si mesma: "Bôba! De que vale chorar?" Alice era menina inteligente e prática, das tais que costumam dar bons conselhos a si mesmas. Às vêzes chegava a ponto de repreender-se com tanta severidade que se punha a chorar. Uma vez estêve a ponto de castigar-se a si própria com pancadas — uma vez que cometeu um êrro muito grave numa partida de *croquet* que estava jogando consigo mesma. Sim, consigo

mesma, porque quando estava só e precisava de companheira para brincar, Alice tinha a mania de julgar-se duas pessoas.

"Não vale a pena chorar," repetiu ela; "também não vale a pena ser duas pessoas. Contento-me em ser apenas uma menina bem educada."

Mas naquele momento seus olhos fixaram-se numa caixinha de vidro, que estava debaixo da mesa: abriu-a e encontrou dentro um doce muito bonito, com um letreiro de passas que dizia: *Coma-me.*

"Está bem, vou comer êste doce", disse ela; "com certeza me fará crescer de modo que eu possa alcançar a chavinha. Se em vez disso me fizer ficar menor ainda, poderei passar pelo buraco da fechadura e assim chegar ao lindo jardim."

Alice começou a comer o doce, dizendo: "Que irá acontecer?" E punha a mão sôbre a cabeça para veri-

ficar se estava crescendo ou diminuindo. Mas com grande surprêsa viu que permanecia na mesma, nem maior, nem menor. Ficou desapontada com o doce. Era um doce comum, um doce ordinário, dêsses que estava acostumada a comer todos os dias. Um *doce natural*, em suma, e Alice só gostava das coisas extraordinárias. Lembrou-se de que talvez fôsse diferente se comesse o doce inteiro — e comeu-o todinho.

CAPITULO II

LAGO DAS LÁGRIMAS

Eis em que dá o *curiosismo!* exclamou Alice para si mesma (sem reparar que estava errando na palavra), ao perceber que começara a aumentar de tamanho como as coisas que a gente olha através dum telescópio. "Adeus, adeus, meus caros pés! (disse assim porque, quando olhou para os pés, notou que estavam lá longe e tão pequeninos que quase se tornavam invisíveis.) Meus pobres pèzinhos! Quem poderá agora fazer sapatos e meias para êles? Só mesmo uma pulga sapateira. Mas a distância entre minha cabeça e meus pés vai ficar tão grande que não vale a pena me preocupar. Que se arrumem como puderem." Disse isso e logo se arrependeu. "Não, não! Tenho que ser gentil para com êles; do contrário também me abandonam e não mais me levarão para onde eu queira ir." E para agradar os pés, que deviam estar muito zangados, gritou bem alto, de modo que lá de longe êles pudessem ouvir: "Quando chegar o Natal, hei de dar a vocês um lindo par de sapatinhos dourados, ouviram?"

E começou a pensar como havia de ser para entregar a seus pés, lá longe, o par de sapatinhos dourados. Teria de mandá-los por um mensageiro! E seria engraçado isso de a gente mandar presentes aos pés distan-

tes... Havia de fazer um pacotinho muito bem feito com um endereço assim:

Ilmos. Exmos. Srs.

Pé Direito e Pé Esquerdo,
Respeitáveis extremidades do corpo de D. Alice.
(Com muitas saudades da mesma.)

"Arre! Como estou asneirenta hoje!" exclamou em seguida, caindo em si.

Nesse instante bateu com a cabeça no teto da sala, pois fôra crescendo, crescendo, e estava agora com mais de três metros de altura. Lembrou-se então da chave, tomou-a de cima da mesa e correu em direção da portinha.

Pobre Alice! Pôde tirar a chave de cima da mesa, mas, aumentada de tamanho como ficara, era-lhe de todo impossível passar pela portinha. Sentou-se no chão novamente e rompeu a chorar como da primeira vez.

"Que vergonha!" disse em certo momento. "Tamanha moça a chorar que nem criança de peito! Pare com isso, pois você sabe que chorar nunca adiantou coisa nenhuma."

Apesar do pito que ia passando em si própria, as lágrimas continuavam a cair-lhe dos olhos e breve formaram em redor dela um pequeno lago que tomou metade da sala.

Estava nisso quando ouviu um ruído. Enxugou logo o rosto e voltou-se para ver o que era. Era o Coelho Branco que regressava, esplêndidamente vestido, tendo

numa das mãos um par de luvas e na outra um leque. Vinha saracoteando e falando entre dentes: "Meu

Deus! Será que a Duquesa não vai zangar-se com a minha demora?"

No desespêro em que Alice estava, lembrou-se de pedir socorro ao Coelho e disse-lhe em voz baixa, com

tôda a timidez: "Meu caro senhor..." Mas o ilustre figurão sobressaltou-se e deixando cair as luvas e o leque sumiu-se aos pulos na escuridão.

Alice apanhou o leque e, como estivesse fazendo muito calor, pôs-se a passear pela sala, abanando-se todo o tempo. Enquanto isso, ia dizendo: "Meu Deus! Como tudo me parece estranho hoje! No entanto até ontem as coisas corriam como de costume. Quem sabe me trocaram por outra criatura durante a noite? Estudemos o caso. Será que sou a mesma Alice de ontem? Se não sou, então quem sou? Eis o grande problema." E começou a recordar tôdas as meninas com quem se dava, para ver se a haviam trocado por algumas delas.

"Cléu! Serei a Cléu? Não. Não pode ser. A Cléu tem cabelos crespos e os meus são lisos. Também não posso ser a Zuleica, porque Zuleica é muito burrinha e eu não me sinto tal. Mas serei eu mesma, a Alice de ontem? Que confusão terrível! Vamos tirar a prova. Vamos ver se sei as coisas que sabia ontem. Quatro vêzes cinco, doze. Quatro vêzes seis, treze. Não, não! Com tabuada a coisa não vai. Experimentemos a geografia. São Paulo, capital Turquia. Londres, capital Venezuela. Está certo ou errado? Está errado. Logo, eu fui trocada pela burrinha da Zuleica!..."

E Alice recomeçou a chorar: "Sou a Zuleica! Terei agora de viver naquela casa feia onde ela mora, e tomar pitos da professôra por nunca saber as lições, ai, ai, ai..." e chorou mais um litro de lágrimas.

"E já que sou a Zuleica, continuou, ficarei para sempre dentro dêste buraco. É inútil que a gente lá de cima me descubra aqui e me grite: "Suba, queridi-

nha!" Se fizerem isso, perguntarei: "Digam primeiro o meu nome, digam quem sou eu, porque se disserem meu nome certo, se disserem que sou Alice, então sairei daqui; mas se disserem que sou a Zuleica, ah, então ficarei enterrada nesta cova tôda a vida."

E Alice, já cansada de estar no fundo daquele buraco, olhou para cima, ansiosa de ver aparecer por lá alguma cara de gente que a avistasse e dissesse quem ela era.

Nisto olhou para as mãos e notou que sem o perceber havia calçado as luvas do Coelho.

"Como pôde ser isto?" exclamou muito admirada. "Como pude calçar estas luvas tão pequeninas? Querem ver que diminuí de tamanho sem o notar?" Dizendo isto, correu para perto da mesa a fim de medir-se, e verificou que encolhera de novo e estava com apenas sete centímetros de altura. E notou ainda que continuava

a diminuir. Descobriu logo que a causa daquilo era o leque que tinha na mão, leque mágico — e jogou-o para longe, de mêdo de desaparecer totalmente.

"De que escapei!" murmurou, ainda assustada da repentina mudança, mas satisfeita por ver que ainda restavam sete centímetros dela mesma e que agora poderia ir ter ao jardim.

Correu então para a portinha; mas logo reparou que esquecera de tirar a chave de cima da mesa quando dispunha de altura para isso, de modo que estava tudo

na mesma — isto é, sem poder alcançar a chave e sem poder ir ao jardim.

"As coisas vão de mal a pior," disse. "As coisas vão péssimas . . . As coisas vão . . ." e Alice não pôde concluir

a frase. Escorregou e caiu de costas no lago de água salgada, que se havia formado com as suas próprias lágrimas. Sua primeira idéia foi que havia caído no mar, "e nesse caso só poderei voltar para casa de trem", pensou consigo. Alice só fôra uma vez na vida ver o mar, quando bem pequenininha. E ficou para sempre com a idéia de mar que teve naquela ocasião. Mar era uma praia cheia de crianças brincando na areia, perto de fileiras de casinhas de banhistas, e lá atrás uma estação de estrada de ferro. Mas essa impressão de mar pouco durou. Alice logo percebeu que estava dentro dum lago de lágrimas, que ela mesma formara no chão quando se fêz grandona qual uma giganta.

"Bem feito!" exclamou. "Quem me mandou chorar daquela maneira? Será muito bem feito que me afogue neste lago produzido por minhas próprias lágrimas! Que fim estranho! Creio que jamais aconteceu coisa semelhante no mundo, desde que o mundo é mundo..."

Nisto ouviu um barulho na água e tratou de nadar na direção para ver o que era. Viu um animalão que a princípio lhe deu idéia dum hipopótamo. Depois percebeu que lhe parecia grande assim porque ela estava muito pequena, e não era hipopótamo nenhum e sim um Rato que também caíra nágua.

Valerá a pena falar com êste Rato?" — pensou Alice. "É tudo tão extraordinário neste lugar que com certeza êste Rato é falante, como o Coelho. Vejamos." E dirigiu a palavra ao Rato, assim: "Senhor Rato, poderá dizer-me qual é a saída dêste enorme lago? Estou cansada de nadar, ó Rato!" Alice achou que era êste o

modo correto de dirigir-se a um Rato; nunca fizera semelhante coisa, mas lembrava-se que na gramática latina de seu irmão mais velho, que ela um dia abriu, havia um pedaço assim: "O rato, do rato, ao rato, ó rato."

O Rato deitou-lhe um olhar cheio de curiosidade e piscou um dos olhinhos, sem nada responder.

"Talvez não entenda a minha língua" pensou Alice. "Talvez seja um Rato francês vindo com Guilherme, o Conquistador." Alice conhecia muito mal a história dêsse rei e imaginava que fôsse algum francês que ainda estivesse vivo e morando perto dali. Assim, repetiu a pergunta em francês, e como só sabia uma frase dessa língua, que era a primeira dum livro de leitura, disse: "*Oú est ma chatte?*"

O Rato, assim que ouviu aquilo, deu um pulo fora dágua e pôs-se a tremer de mêdo. Alice apressou-se em sossegá-lo: — Oh, desculpe, Senhor Rato! Esqueci-me que os senhores não gostam de gatos, nem de gatas.

— Está claro que não. Gostaria de gato você, se fôsse uma ratinha?

— Talvez não, respondeu Alice com amabilidade. Mas não se irrite. É que tenho uma gatinha da qual nunca me esqueço e por isso não posso ter ódio aos gatos. Deixe estar que um dia hei de apresentar-lhe minha gatinha Diná. O senhor vai ficar adorando os gatos, se conhecer a Diná. Tão boazinha, tão macia e quietinha ... continuou Alice, mais falando consigo mesma do que com o Rato, cheia de saudades que estava da Diná. — E como rosna bem! Rosna que nem música, com tôda a delicadeza, cada vez que a deito ao colo, perto do fogo, e lhe corro a mão pelo lombo. Gosta de lamber as

patinhas e passá-las pelo focinho... Além disso é habilíssima na caça dos rat... Vendo que ia cometer uma imprudência, Alice tapou a bôca para que a palavra não saísse inteira, e continuou: — Mas mudemos de assunto, Senhor Rato. Vejo pela sua cara que êste assunto gatal não é muito do seu agrado. Nós não falaremos mais da Diná.

— *Nós?* exclamou o Rato, todo trêmulo ainda. Nós é um modo de dizer. Quem está falando dêsse horrendo animal é você, não eu. Portanto, êsse *nós* está errado. Em minha família essa palavra "gato" ninguém a pronuncia. Faça o favor de não pronunciá-la outra vez, ouviu?

— Perfeitamente, concordou Alice, ansiosa por mudar de assunto. Falemos de... de... de cães, por exemplo. O senhor gosta de cães?

O Rato nada respondeu e Alice continuou:

— Perto de casa há um cachorrinho tão bonitinho que tenho vontade que o senhor o conheça. É um fox-terrier, de olhos muito vivos, pêlo comprido e sedoso, muito crêspo. Sabe buscar os objetos que a gente atira. Fica de pèzinho no canto e mais coisas. Uma galanteza! Pertence a um chacareiro que vive a gabá-lo, e a dizer que nem por um mil cruzeiros dá um tão bom caçador de rat... Alice tapou a bôca de novo, ao perceber que ia pronunciando nova inconveniência. Mas o Rato percebeu o que ela ia dizendo e afastou-se, nadando com quantas fôrças tinha. Alice nadou atrás dêle, chamando-o com ternura: — Volte, caro Ratinho! Venha conversar comigo. Juro que não falarei mais nem de gato,

nem de cachorro, já que o senhor não gosta dêsses entes.

Ouvindo tais palavras, o Rato voltou e veio vagarosamente colocar-se de novo perto dela. Estava pálido de emoção (assim pensou Alice) e mal pôde dizer, em voz débil: — Vamos para a margem. Lá contarei porque não posso ouvir falar de gatos e çães.

Era tempo. O lago estava enchendo-se de bichos. Havia um pato, um ganso, um papagaio e até uma àguiazinha nova. E mais bichos de pena e pêlo. Por entre êles Alice abriu caminho e nadou para a margem, seguida do senhor ratinho.

CAPITULO III

UMA REUNIÃO ORIGINAL

ERA UMA coisa bem esquisita, aquêles bichinhos à beira do Lago das Lágrimas, rodeando a menina; os de pena estavam com as penas sujas de lama, e os de pêlo estavam com o pêlo todo arrepiado. Como estivessem encharcados, a grande questão se tornou enxugarem-se, e sôbre isso começaram a discutir. Alice, que nada estranhava, achou tudo muito natural, e com êles discutia como se os conhecesse de muito tempo. Começou por falar com o Papagaio, que estava a teimar que era quem devia chefiar a discussão. — Eu sou o mais velho e por isso tenho direito de ser ouvido primeiro, dizia êle. Alice insistiu em saber que idade tinha. O Papagaio parece que ignorava isso, pois recusou-se a contar — e não houve meio de se entenderem.

Finalmente o Rato, que parecia pessoa muito respeitada entre os bichinhos, tomou a palavra e disse: — Sentem-se todos e ouçam-me. Sei um meio muito bom de enxugar penas, pêlo e roupa num instantinho. Todos o rodearam, e Alice ficou bem perto, porque com mêdo de adoecer, queria enxugar-se mais depressa que os outros.

— Atenção! disse o Rato com ar importante. Estão todos prontos? Muito bem. Vou começar. Como os

meus amigos sabem, a coisa mais árida e sêca que há no mundo é o comêço da história da Inglaterra. É um poderoso *secante*. Vou recitar êsse comêço e garanto que a *seca* fará que todos sequem. Silêncio! Vou começar.

Todos ficaram imóveis e o sabido Rato principiou: "Guilherme I, o Conquistador, cuja causa era favorecida pelo Papa, foi logo aceito pelos inglêses os quais careciam de chefes e estavam acostumados a usurpações e conquistas. Edwin e Morcar, condes de Mercia e da Nortúmbria . . .

— Chi! murmurou o Papagaio com um arrepio.

— Que é que o senhor disse? observou o Rato, carrancudo mas com delicadeza.

— Nada, respondeu o Papagaio. Eu chiei apenas.

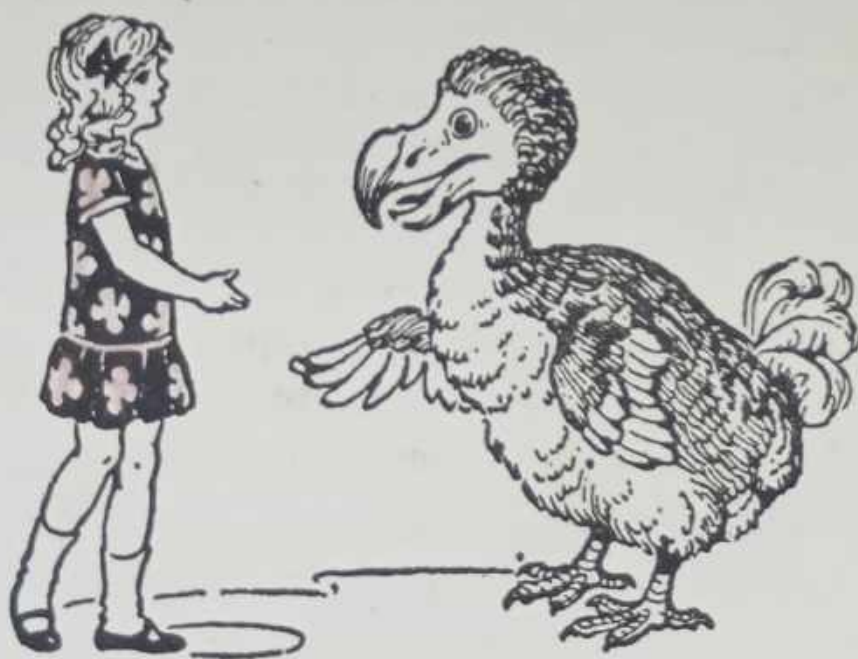
— Pensei que tinha feito alguma objeção, tornou o Rato desfazendo a carranquinha. E continuou a seca: — Como ia dizendo, os Condes de Mercia e da Nortúmbria se declararam por êle; e o próprio Stigand, o patriótico arcebispo de Cantuária, acompanhou-os nisso.

— Acompanhou-*os*, quem? interrompeu o Pato, que era muito curto de inteligência.

— Acompanhou-*os*. Não sabe o que *os* significa nesta frase? *Os* é um pronome que corresponde a *êles*. Acompanhou êles, respondeu o Rato já meio zangado.

— Sei que *os* significa *êles*, retrucou o Pato. Mas quem são êles? Para mim êles significa sempre uma rã ou um bom verme, minhoca ou bicho-de-pau podre. Quem foi que o arcebispo acompanhou — alguma minhoca ou alguma rã?

O Rato achou o Pato tão estúpido que não lhe deu resposta e prosseguiu na seca: O arcebispo, então, foi ao encontro de Guilherme para lhe oferecer a coroa de rei da Inglaterra. No princípio o novo rei agiu com moderação; mas a insolência dos seus companheiros normandos... Aqui o *secante* interrompeu a seca para perguntar a Alice: Querida senhorita, como está se sentindo agora? Melhor?

— Qual melhor o quê! Estou encharcada como antes, respondeu Alice torcendo a sainha. Parece que sua história não seca roupa, só seca a paciência dos ouvintes.

— Nesse caso, interveio o Ganso em tom solene, requeiro que se levante a sessão para que sejam adotadas enérgicas providências.

— Fale língua de gente! gritou a Pequenina Águia. Sou muito jovem; ainda não aprendi as pala-

vras difíceis. E acho até que nem o Senhor Ganso entendeu muito bem o que disse, e a Pequenina Águiazinha meteu a cabeça debaixo da asa para esconder um sorriso, enquanto os outros riam alto.

— O que eu queria dizer, prosseguiu o Ganso um tanto ofendido, era que a melhor coisa para secar é uma corrida *sui generis*.

— Que coisa é uma corrida *sui generis?* indagou Alice, não tanto porque o desejasse saber, mas porque o Ganso havia feito uma pausa, como se pensasse que alguém deveria dar algum aparte, que não apareceu.

— O melhor meio de explicar é fazer. Vamos organizar a corrida *sui generis*.

E começou. Primeiro traçou no chão um círculo muito torto "o feitio exato não importa" foi logo dizendo, e colocou cada um dos presentes ao longo do risco, aqui, ali, lá. Não era preciso nem dizer um, dois, três,

para começar. A corrida começava sem isso. Começavam a correr quando queriam e paravam também quando queriam, de sorte que não era fácil saber quando a corrida acabava. Assim se fêz. Correram cêrca de meia hora e ao fim dêsse tempo notaram que estavam todos enxutos. Então o Ganso gritou: — Pronto! A corrida

acabou. Todos, cansados e resfolegantes, se reuniram em tôrno dêle, perguntando: — Mas quem ganhou?

O Ganso ficou atrapalhado e permaneceu uns segundos com o dedo espetado na testa, pensando. Por fim deu a decisão: — Todos ganharam e todos vão receber prêmios.

— Mas quem vai distribuir prêmios?

— Está claro que é *ela,* disse o Ganso apontando para a menina. E os bichinhos incontinênti rodearam Alice: — Prêmios! Venham os prêmios!

Alice não sabia o que fazer. Olhou em redor e nada viu que servisse para prêmio. Lembrou-se então que tinha no bôlso uma caixinha de bombons. Tirou-a fora, abriu-a e deu um docinho a cada um. Foi a conta.

— Mas também ela tem direito a prêmio, disse o Rato.

— Pois de certo, concordou o Ganso com tôda a seriedade. E virando-se para Alice perguntou: — Que mais coisas tem vêce no bôlso?

— Só êste dedal, disse Alice, tirando do seu bôlso um dedal de tostão, que deu ao Ganso.

Todos rodearam a menina enquanto o Ganso, com solenidade, lhe apresentava o dedal de tostão com estas palavras: — Pedimos que aceite êste precioso dedal como prova de nossa mais profunda admiração. Todos aplaudiram e Alice meteu o dedal no bôlso outra vez.

A menina achou aquilo um tanto absurdo e cômico, mas não teve coragem de rir, porque os bichos estavam agindo muito a sério. Por isso não destampou nenhuma risada, limitando-se a agradecer com uma cortesia de cabeça.

E agora? Agora o que tinham a fazer era comer os prêmios — e foi isso uma pequena tragédia. As aves e bichos que não estavam acostumados a comer bombons se atrapalharam. Uma das aves engasgou-se, sendo preciso que lhe dessem socos nas costas. Terminada a comi-

lança dos prêmios, puseram-se novamente em círculo e pediram ao Rato que falasse.

— Você me prometeu contar sua história, e explicar por que motivo tem ódio às letras G, e C, disse a

menina em voz meio baixa, receosa de que o Rato se ofendesse outra vez.

— A minha história é muito triste e comprida, suspirou o Rato.

Alice, que naquele momento estava com olhos postos na caudinha do Rato, ficou a imaginar que a sua história deveria ser tão comprida como sua cauda, talvez mais comprida ainda e tôda cheia de voltas. E lá dentro da cabeça pôs-se a imaginar que a história do Rato devia ser qualquer coisa assim:

Romão disse a um ratinho
que ia passando por perto
dêle: "Pare aí. Temos já
de ir ao juiz. Quero te
acusar." "Vamos", res-
pondeu o ratinho. "A
consciência de nada me
acusa e saberei defen-
der-me." "Muito bem",
disse o gato. "Aqui
estamos diante do se-
nhor juiz." "Não o
vejo", disse o rati-
nho. "O juiz sou
eu", disse o gato.
"E o júri?", per-
guntou o ratinho.
"O júri também
sou eu", disse o
gato. "E o pro-
motor?" pergun-
tou o ratinho.
"O promotor
também sou
eu." "Então
você é tu-
do?" disse
o ratinho.
"Sim por-
que sou o
gato. Vou
acusar vo-
cê, julgar
você e
comer
você."

Alice estava assim absorvida na sua história imaginada quando o Rato a chamou a si.

— Você não está prestando atenção! gritou êle com severidade. Em que pensa?

— Desculpe-me! disse Alice com humildade. Julguei que já estivesse acabada a história.

— Ainda não a comecei, disse o Rato zangadíssimo.

— Olhe êste nó! exclamou Alice mostrando um nòzinho na sua saia, querendo à custa do nó mudar de assunto. Ajude-me a desatá-lo.

Mas o Rato estava sèriamente ofendido. Levantou-se para ir-se embora e disse: — Você está mas é a insultar-me essa bobagem de nó na saia.

— Não tive intenção de insultá-lo, Senhor Rato, murmurou a pobre Alice. O senhor também se ofende por qualquer coisinha...

Tão irritado estava o Rato que nem respondeu. Foi saindo. Alice correu atrás dêle, dizendo: — Não seja mau. Volte e conte-nos a sua história. Todos os outros bichinhos a acompanharam naquele pedido: — Volte, volte, não seja mau! O Rato, porém, limitou-se a sacudir a cabeça com energia e apressou ainda mais o passo.

— Que pena que não ficasse! disse o Papagaio assim que o Rato desapareceu. E suspirou. Uma velha carangueja aproveitou a oportunidade para dar uma lição à filhinha que estava com ela: — Aprenda, menina. A gente nunca deve irritar-se, porque faz papel feio. Mas a pequena carangueja, que era muito malcriada, respondeu à mamã: — Deixe-se de bobagens. A senhora com os seus sermões é capaz de fazer até uma ostra perder a paciência.

— Que pena a Diná não estar aqui! murmurou Alice consigo. Ela teria feito o Rato voltar e lhe daria uma lição para o resto da vida.

— Quem é essa Diná, se me permite a pergunta? indagou o Papagaio.

Alice, que não perdia ocasião de falar da querida gatinha, apressou-se em responder: — É a nossa gatinha. Você não imagina que danada para caçar ratos! E passarinhos também. Apanha-os e come-os num abrir e fechar de olhos.

Aquelas palavras impressionaram sèriamente alguns dos bichos de penas, os quais trataram de afastar-se da dona de tão perigoso animal. Uma velha coruja agasalhou-se dentro de seu xalinho, dizendo: — Preciso ir para casa sem demora. O sereno me pode fazer mal. E uma canária chamou com voz trêmula os filhotes, assim: — Vamos, queridinhos. Há muito tempo que vocês já deviam estar na cama. E dando cada qual sua desculpa, todos se retiraram, deixando Alice sòzinha.

— Antes não tivesse falado em Diná! pensou ela melancòlicamente. Parece que aqui ninguém a aprecia, e no entanto é a melhor gatinha do mundo. Que injustiça lhe fazem...

Sentindo-se muito só e desanimada, Alice pôs-se novamente a chorar, e assim ficou até que ouviu ruído de passos ao longe. Olhou ansiosa na direção do barulho, com esperança de que o Rato viesse voltando para lhe contar a sua história.

CAPÍTULO IV

O COELHO DÁ ORDENS

NÃO ERA o Rato e sim o Coelho Branco que vinha aos pinotes, olhando em tôdas as direções como se andasse em procura de alguma coisa perdida. E Alice ouviu-o dizer, falando sòzinho: "A Duquesa! Oh, minhas pobres patinhas! Minha pobre pele e meus pobres bigodes! Ela manda-me matar, não tenho a menor dúvida. Mas onde eu poderia tê-los perdido?"

Alice compreendeu que o Coelho Branco procurava as luvas e o leque, e como era boazinha começou a ajudá-lo a procurar êsses objetos. Mas parecia que tudo havia mudado depois da sua queda na lagoa. Não via mais nem a sala grande com a mesa de vidro no centro, nem a célebre portinha que dava para o jardim.

Assim que o Coelho notou a presença de Alice, gritou-lhe com voz irritada: — Mariana! Que é que está fazendo aqui? Corra até em casa e traga-me um par de luvas e um leque. Depressa! Vá num pé e volte noutro!

Alice, de tanto mêdo, nem discutiu a ordem. Saiu correndo na direção que o Coelho apontava, pensando consigo: "Com certeza me tomou por alguma criada. Vai ficar muito surprêso quando der pelo engano. Se-

ria bom que eu pudesse trazer-lhe as luvas e o leque, mas onde a tal casa?"

Foi correndo às tontas e, de repente, achou-se defronte duma casinha muito limpa, que trazia na porta uma placa de metal amarelo com o nome *Coelho Branco* gravado em letras pretas. Alice entrou sem bater e subiu a galope as escadas, receando esbarrar pelo caminho com a verdadeira Mariana, que certamente a poria no ôlho da rua, sem luvas nem leque.

"Mas isto é um absurdo!" começou Alice a refletir. "É um disparate eu a esbofar-me para fazer o que um coelhinho manda! Qualquer dia a Diná põe-se a me fazer de criada também." E começou a imaginar as cenas. Imaginou que a sua governanta a chamava para ir ao dentista, assim: "Dona Alice, vamos, são horas do dentista!" "Espere um pouco, Dona Quitéria, respondia a menina aflita. A Diná me pôs aqui de guarda a êste buraquinho de rato e eu não posso sair sem licença dela."

Assim imaginando tais maluquices, a travêssa menina entrou num quartinho que estava de porta aberta e viu sôbre a mesa do toucador um leque e vários pares de luvas brancas. Escolheu um dêles, agarrou o leque e dispunha-se a sair quando notou uma garrafa perto do espelho. Não havia rótulo dizendo: *Beba-me,* mas Alice abriu-a e provou o líquido, pensando: "Sei que acontece sempre alguma coisa estranha quando como ou bebo neste país das maravilhas... Quem sabe se êste líquido me faz crescer novamente? Já estou farta de ser pequenininha."

De fato assim foi. Mal bebeu uma parte do líquido e já espichou de tal maneira que a cabeça esbarrou no teto. Teve de parar de beber, se não ficaria de pescoço torto. Colocou a garrafa no lugar onde a encontrara e disse: "Basta! Espero que não crescerei mais, porque mesmo do tamanho que estou não sei como sair dêste quarto. Não passo mais pelas portas. Fui burra. Bebi demais."

Era tarde. O mal estava feito. Apesar de não ter bebido tôda a garrafa, bebera demais e continuava a crescer lentamente. Alice foi espichando, espichando.

Começava a não mais caber no quarto. Teve de ajoelhar-se. Mas nem assim. Como continuasse a crescer, teve de enfiar os braços pelas janelas e os pés pela porta. Felizmente aquêle absurdo crescimento não foi além. Chegado até um certo ponto, parou. Mas a sua situação era das mais embaraçosas. Estava enormíssima, sem poder mover-se, com braços e pernas para fora da casa.

— Que será de mim, meu Deus! exclamou Alice desconsolada, sem saber como escapar daquela terrível situação. Como me arrependo de haver saído de casa! Vivia sossegada, sem êste perigo constante de ora crescer, ora diminuir, e sem ter que aturar coelhos e ratos mandões. Antes nunca tivesse visto o Coelho Branco no jardim. Mas mesmo assim esta vida não deixa de ser curiosa, pensou mudando de idéia. "Quando lá em casa eu lia contos de fadas, não acreditava em nada daquilo, mas agora vejo que acontecem. Que lindo livro dariam estas aventuras em que ando metida! Que pena não escreverem um assim! E por que não escrevê-lo eu mesma? Quando crescer farei isso, estou resolvida. Quando crescer? Oh, agora me lembro que crescida e até demais estou eu! Estou tão crescida que já nem tenho mais por onde crescer..."

E Alice foi por aí afora, nesse eterno diálogo consigo mesma, até que ouviu uma voz dizer do lado da rua: — Mariana, traga logo as minhas luvas e o leque!

Era o Coelho, furioso da vida, que já vinha a subir as escadas. Esquecendo-se que estava mil vêzes maior que êle, Alice pôs-se a tremer da cabeça aos pés, de puro mêdo. E tanto tremeu que abalou a casa tôda.

O Coelho chegou ao alto da escada, e tentou abrir a porta. Não conseguiu. Os cotovelos de Alice estavam a escorá-la como grandes trancas. Vendo que por ali não podia passar, o Coelho retirou-se, murmurando consigo: "Vou dar volta e entrar pela janela." Mas a janela estava entupida pelo braço de Alice e quando o Coelho se aproximou a mão da menina se fechou como para agarrá-lo. Alice não agarrou coisa nenhuma, mas

ouviu um rumor de vidros quebrados. Com o susto que levara diante daquela mão enorme, o pobre Coelho dera um salto para trás, indo cair em cima dos vidros duma estufa de avencas. Caiu e afundou por lá. Alice ainda pôde ouvi-lo gritar com voz irritada: — Pat, Pat! Onde está você?

— Estou cuidando das maçãs! respondeu uma voz que a menina desconhecia.

— Cuidando das maçãs, hein? repetiu o Coelho, sempre irritado. Venha cá, depressa, ajudar-me a sair *disto*, e ouviu-se mais barulho de vidros quebrados.

Pat ajudou o Coelho a desembaraçar-se dos vidros; depois alisou-lhe o pêlo todo arrepiado.

— Diga-me, Pat, perguntou êle, que é aquilo lá na janela?

— Parece um braço, respondeu Pat, firmando a vista.

— Grande idiota que você é! berrou o Coelho. Onde já se viu braço daquele comprimento e grossura? Enche todo o vão da janela.

— Vossa Excelência é quem decide, mas a mim me parece braço.

— Seja lá o que fôr, está a me estorvar a passagem. Vá tirar aquilo de lá.

Houve um silêncio, interrompido de murmúrios. Alice só pôde perceber uma frase: — Não estou gostando nada disto! Ao que o Coelho retrucou: — Faça o que eu mando, seu medroso!

Nesse momento Alice abriu e fechou de novo a mão. Foi outro reboliço. Pela segunda vez ouviu-se barulho de vidros quebrados. "Quantas estufas de avencas exis-

tem debaixo da janela!" pensou Alice. "Que será que tencionam fazer de mim? Tirar-me pela janela é impossível — e sinto muito. Daria tudo para safar-me desta horrível situação."

Um tempo se passou sem que ouvisse coisa nenhuma. Por fim notou um barulho de rodas, e ouviu outras vozes, de gente que falava com espanto. A menina

pôde distinguir frases como estas: "Onde está a outra escada? Eu só trouxe uma. Periquito que traga a outra. Aqui, Periquito! Traga-a para aqui! Encoste-a nesse canto. Isso. Não alcança? Que pena! Temos que emendar uma escada noutra. Amarre bem, Periquito! Será que o beiral do telhado agüenta? Cuidado com essa têlha sôlta! Está cai-não-cai. Suba, Periquito, e desça pela chaminé. Não tenha mêdo, vá, ande!"

Alice pensou: "Já sei quem vai aparecer pelo canudo da chaminé: é o tal Periquito. Êle que venha, que quando aparecer lhe prego um pontapé." E encolheu-se o mais que pôde, à espera, até que um animalzinho, que não pôde perceber qual fôsse, surgiu em baixo da chaminé. Alice deu-lhe um pontapé com tôda a energia.

O pobre Periquito voou pelos ares como um foguete, indo cair longe dali.

Houve nova barulheira e muito corre-corre. — Vá salvar o Periquito! ordenava o Coelho. — Levante-lhe a cabeça. Dê-lhe um pouco de pinga para que volte a si. Vamos, rapaz! Conte lá o que aconteceu.

— Não sei, respondeu Periquito voltando a si e meio tonto ainda. Estou muito atordoado. Uma coisa misteriosa me fêz subir pelos ares que nem foguete.

Mais discussões e cochichos. Por fim disse o Coelho: — O melhor é botar fogo na casa. Tragam palha e fósforos.

Ouvindo aquilo, e receando que a incendiassem, Alice teve uma grande idéia e gritou: — Se puserem fogo na casa, eu chamo a Diná e ela caça vocês todos!

Fêz-se pesado silêncio, durante o qual Alice pensou: "Que será que vão fazer agora? Se fôssem mais inteligentes, deitariam abaixo o telhado. Mas aposto que nenhum ainda teve essa idéia."

Passados uns segundos, ouviu-se de novo a voz do Coelho: "Para começar basta um carrinho cheio", dizia êle.

"Cheio de quê?" interrogou-se Alice, sem poder atinar com a resposta. Dali a pouco, entretanto, soube de que era cheio o carrinho. De pedras! Começaram a chover pedras na janela. Parecia um bombardeio.

— Parem com isso, seus bobos! Não vêem que estão me machucando? gritou Alice com tôda a fôrça.

Mais uma vez tudo caiu em profundo silêncio. Notou Alice com espanto que ao caírem as pedras iam se transformando em biscoitos e teve uma idéia luminosa.

— Se eu comer um dêstes biscoitos, com certeza alguma coisa acontece que talvez melhore a minha situação. E como não é possível crescer mais, quem sabe se diminuo?

Alice comeu um dos biscoitos e logo sentiu, com imensa alegria, que lentamente começava a ficar menor.

Assim que diminuiu o necessário, safou-se da casa e correu para fora, onde a esperava uma multidão de pequenas aves e animais. O tal Periquito não passava dum lagartinho. Estava ainda tonto da queda, escorado por dois porquinhos da Índia que lhe davam a beber goles de pinga. Mal a viram aparecer, avançaram todos para ela; mas Alice pôs-se a correr e logo se achou livre dêles, no seio duma floresta.

"A primeira coisa que tenho a fazer, disse Alice, enquanto vagava pelo bosque, é voltar ao meu tamanho natural; e a segunda é achar o caminho daquele jardim encantador. Não desisto de conhecer êsse jardim."

Bom era o plano; mas como executá-lo? Alice não tinha a menor idéia a respeito. E começou a andar ao acaso pela floresta.

De repente ergueu os olhos para uma árvore e viu, sentado num galho, um cãozinho. "O coitado!" murmurou com piedade. Mas logo se lembrou que podia ser um cão faminto, dos que comem meninas — e ficou transida de mêdo. Quase sem saber o que fazia, pegou uma varinha e ofereceu-a ao cão. Êste saltou da árvore para apanhá-la. Alice escondeu-se atrás dum tronco. Apesar de muito pequeno, aquêle cãozinho era maior que ela, e podia comê-la como comeria um rato. Por isso ficou a rodear o tronco, de modo que o bichinho não pudesse pegá-la, e em certo momento deu uma carreira e escapou para longe. Correu a mais não poder, só parando quando percebeu que o cão estava muito distanciado.

"Que pena! Era tão lindo!" exclamou Alice, sentando-se para descansar e abanando-se com uma fôlha

de mato. "Gostaria imenso de tê-lo comigo para lhe ensinar uma porção de prendas, isso caso eu não fôsse tão pequenininha. Vejo que tenho de crescer novamente e quanto antes. Mas como será? Que devo fazer? Suponho que tenho de beber ou comer qualquer coisa desta terra das maravilhas. Mas beber ou comer o quê? Eis o grande problema."

Realmente, era êsse o grande problema. Tinha de comer ou beber alguma coisa, mas o quê? Alice olhou para as ervas e flôres em redor e nada viu que lhe parecesse de beber ou comer. Nisto avistou um grande cogumelo da sua altura. Examinou-o de todos os lados e lembrou-se de examiná-lo também do lado de cima. Trepou a uma pedra perto e de lá pôde ver, sentado no tôpo do cogumelo, um Bicho-Cabeludo que fumava calmamente o seu cachimbo e parecia indiferente ao que se passava em redor.

CAPÍTULO V

CONSELHOS DO BICHO-CABELUDO

ALICE E o Bicho-Cabeludo entreolharam-se por alguns instantes em silêncio. Por fim tirou êle o cachimbo da bôca e perguntou-lhe em voz sonolenta:

— Quem é você?

Era um comêço bem pouco animador para Alice, que respondeu com timidez:

— Para falar a verdade, ignoro. Quando me levantei esta manhã, eu sabia quem era; mas durante o dia mudei tanto que não sei mais quem sou.

— Que é que quer dizer com isso? indagou o Bicho-Cabeludo com severidade. Explique-se.

— Não posso explicar-me, retrucou Alice, porque, como vê, eu não sou eu mesma.

— *Como vê,* é modo de dizer. Não estou vendo coisa alguma, disse o Bicho-Cabeludo.

— Receio não poder ser mais clara, observou Alice muito gentilmente. Começa porque não sei por onde começar. Isto de no mesmo dia ser de diversos tamanhos causa-me grande confusão.

— Não causa nada, disse o Bicho-Cabeludo.

— Por enquanto talvez seja essa a sua opinião, replicou Alice. Mas quando chegar sua vez de virar em crisálida e depois em borboleta, talvez o senhor mude

de idéias, e estou certa de que achará o caso bastante esquisito.

— Está muito enganada.

— Bem, talvez o seu cérebro seja diferente do meu. O que sei é que estas mudanças me parecem muito estranhas, a *mim*.

— *Mim?* replicou o Bicho-Cabeludo. Quem é *mim?*

Essa pergunta fêz a conversa voltar ao começo e Alice irritou-se com as impertinências do Bicho. Em vista disso respondeu-lhe com secura: — Acho que o senhor é que devia me dizer quem é.

— Por quê? indagou o Bicho-Cabeludo:

A pergunta embaraçou Alice, que não soube explicar porque devia o Bicho explicar-se primeiro; e como não o visse de muito bom humor, resolveu afastar-se daquele ponto.

— Venha cá, menina! gritou-lhe o Bicho. Tenho coisa muito importante a dizer.

Tentada na sua curiosidade, Alice voltou. Ao aproximar-se do Bicho êste lhe murmurou em tom mais amável: — Não se zangue.

— É tudo quanto tem a me dizer? observou Alice, um tanto desapontada com as frases curtas do Bicho.

Alice estava aborrecida, mas como não tivesse nada a fazer resolveu ficar por ali. Quem sabe se o Bicho mudaria de tom e lhe diria alguma coisa de proveito?

O Bicho permaneceu calado uns instantes, baforando o seu cachimbo. Depois descruzou os braços e, tirando o cachimbo da bôca, disse:

— Então pensa que está trocada?

— Creio que sim, respondeu Alice. Não posso lembrar-me das coisas que sabia, nem conservo o mesmo tamanho por mais de dez minutos.

— De que coisa não pode lembrar-se? perguntou o Bicho.

— De muitas. Daquela poesia que começa assim, por exemplo: Minha terra tem palmadas...

— Palmeiras, emendou o Bicho. Minha terra tem palmeiras onde canta o... Acabe!

— Onde canta o crocodilo, completou Alice.

— Está errado, disse o Bicho. Vejo que você está mesmo atrapalhada da cabeça. Diga-me: de que tamanho quer ser?

— Não faço questão de tamanho. O que quero é ficar sempre do mesmo tamanho. Nada atrapalha tanto a vida da gente como esta história de mudar de tamanho diversas vêzes por dia. O senhor deve compreender isto muito bem.

— Não compreendo, foi a resposta do esquisito Bicho.

Alice mordeu os lábios e calou-se. Nunca ninguém a havia contrariado tanto. Sua paciência ia chegando ao fim.

— Está satisfeita com a altura que tem agora? Quer ficar sempre assim? perguntou depois duma pausa o Bicho.

— Não, senhor. Quero crescer um pouco mais. Dez centímetros não é altura de gente.

— É uma excelente altura! retorquiu o Bicho quase zangado. E endireitou-se todo para mostrar que êle era um grande figurão e tinha exatamente aquela altura.

— Para mim não é, replicou Alice. Não estou acostumada a ter dez centímetros. Mas não se ofenda, senhor Bicho. Não há razão para isso.

— Não está acostumada, mas com o tempo se acostumará, disse o Bicho, e levando o cachimbo à bôca tirou uma longa baforada.

Alice esperou com paciência que êle acabasse de fumar e retomasse a conversa. Ao cabo de alguns instantes o Bicho-Cabeludo pôs o cachimbo de lado, bocejou

três vêzes, espreguiçou-se e, descendo de cima do cogumelo, meteu-se por entre as ervas, dizendo:

— Um dos lados aumenta a estatura; o outro diminui.

"Um dos lados do quê?" pensou Alice consigo.

— Do cogumelo, respondeu o Bicho-Cabeludo, como se ela houvesse falado em voz alta — e, isto dizendo, desapareceu.

Alice ficou muito preocupada, olhando para o cogumelo a ver se adivinhava que lado aumentava e que

lado diminuía estatura de gente. Como o cogumelo fôsse perfeitamente redondo, o problema se tornava difícil, porque pròpriamente não havia lados. Por fim resolveu experimentar. Espichou as duas mãos e arrancou ao mesmo tempo dois pedaços do chapéu do cogumelo, tomados de lados opostos. E ficou a olhar para êles refletindo:

— E agora, qual será? Por fim, com muito cuidado, fincou os dentes no pedacinho que estava na mão direita — e imediatamente sentiu uma pancada no queixo. É que diminuíra com tanta rapidez que seu queixo viera bater no chão. Assustada com a mudança e receosa de diminuir a ponto de desaparecer para sempre, mordeu o pedacinho da mão esquerda. O efeito foi justamente o contrário. Pôs-se a crescer com a maior velocidade! Seu pescoço espichou mais que o de uma girafa e breve surgiu como um mastro acima da floresta. Alice olhou para baixo e viu lá longe os seus ombros . . .

"Meus ombros!" exclamou. "Tão longe de mim que mal os vejo! E minhas mãos? Coitadinhas! Nem enxergá-las consigo . . ."

Moveu-se enquanto falava e ouviu lá em baixo um farfalhar de árvores. Como não tivesse fôrças para erguer as mãos até à cabeça, baixou a cabeça até às mãos e ficou encantada de ver que o pescoço dobrava em qualquer direção, como borracha de regar plantas no jardim. Ela então enrolou o pescoço e pôde mergulhar a cabeça dentro da floresta. Nem bem fêz isso e um grito agudo se fêz ouvir, seguido de furioso bater de asas. Era uma pomba que pousara em seu nariz e batia as asas com desespêro, em atitude de defesa contra o pescoço enrolado.

— Serpente! gritava a pomba.

— Não sou serpente, nada! berrou Alice furiosa. Saia do meu nariz!

— Serpente, serpente! continuava a pomba a gritar, agora em tom de chôro. Já experimentei todos os meios e não consigo livrar-me dela, ai, ai!

— Não entendo nada do que você está dizendo, gritou Alice.

— Experimentei tudo, continuou a pomba como falando para si mesma. Experimentei as raízes das árvores, as rochas escarpadas, os barrancos mais íngremes — nada, nada serve . . .

Cada vez mais intrigada, Alice não interrompeu a lamentação da pomba. Queria ver se das suas queixas era possível entender do que se tratava.

A pomba continuou na lamúria: "Além do trabalho de chocar os ovos, tenho de conservar-me em vigilância dia e noite. Há três semanas que não fecho os olhos, e nem aqui, nesta copa tão alta, encontrei paz . . ."

— Sinto muito tê-la inquietado, Senhora Pomba, disse Alice sem compreender ainda o sentido das suas palavras de queixume.

— Nem aqui!... continuou a pomba. Embora escolhesse a mais alta árvore da floresta para armar o meu ninho, nem aqui me vejo livre das malvadas serpentes...

— Mas, observou Alice, compreendendo afinal, eu não sou nenhuma serpente!... Sou... sou...

— Que é que você é? interrompeu a pomba. Estou vendo que é uma traiçoeira criatura que está procurando inventar uma história.

— Eu sou uma menina, Senhora Pomba! disse por fim Alice, sem ter grande certeza de que realmente ainda fôsse uma menina.

— Que graça! retrucou a pomba com ironia. Tenho visto muitas meninas, mas nunca vi nenhuma com pescoço de serpente. Não, não! Você é uma serpente! Por que negá-lo? Daqui a pouco acaba afirmando que também jamais comeu os ovos que nós pombinhas pomos nos nossos ninhos. A inocentarrona...

— É claro que tenho comido muitos ovos, mas de galinha. Como você sabe, tôdas as meninas comem ovos, tal qual as serpentes. Comer ôvo não é crime para nenhuma menina.

— Não acredito que assim seja, replicou a pomba, porque se fôsse verdade que as meninas comem ôvo, então não haveria a menor diferença entre elas e as serpentes.

Tais idéias eram tão novas para Alice, que ela desnorteou por uns instantes e conservou-se calada. Enquanto isso a pomba prosseguiu na sua triste fala, di-

zendo: — Você anda à procura de ovos, bem sei, e sendo assim que me importa que não seja serpente e sim menina?

— Não importa a você, mas importa muito a mim, apressou-se Alice a retrucar. Não estou à procura de ovos; e, se estivesse, não estaria à procura de ovos de pomba, que não valem nada. Além disso, só como ovos fritos, nunca os como crus.

— Então, suma-se daqui! gritou a irada pomba, indo acomodar-se novamente no seu ninho.

Alice obedeceu. Agachou-se por entre os galhos das árvores e foi dando jeito de afastar-se dali. Às vêzes o seu pescoço enganchava num cipó e tinha ela de parar para desembaraçá-lo. Súbito, lembrou-se que ainda conservava nas mãos os pedaços do cogumelo. Pôs-se a comê-los. E tanto lidou que conseguiu finalmente voltar ao seu tamanho natural.

Tanto tempo levara aquilo, de aumentar e diminuir, que chegou a estranhar a volta ao natural. Mas acostumou-se em poucos minutos.

"Arre!" monologou. Conseguiu finalmente realizar metade dos meus planos. Estou atordoada de tantas mudanças, mas voltei ao que sempre fui. Essa parte está conseguida. Resta agora o jardim. Tenho de descobrir meio de entrar naquele jardim.

Foi andando ao acaso, até que se achou num sítio onde havia uma casinha de um metro e meio de altura. Quis entrar. Como não coubesse, comeu uma isca do pedaço de cogumelo que diminuía. Conseguiu assim reduzir-se a trinta centímetros e entrou pela casinha a dentro.

CAPITULO VI

PORQUINHO E PIMENTA

Ficou por uns instantes a examinar a casinha e a pensar no que faria; súbito, surgiu do seio da floresta um criado (Alice achou que devia ser um criado por vestir libré, mas a julgar pelo seu físico mais parecia peixe.) Chegou e bateu com fôrça na porta. A porta foi aberta por outro criado, também de libré mas com cara de rã. Alice observou que ambos tinham os cabelos encaracolados e empoados. Ficou imóvel, curiosa do que ia acontecer.

O criado-peixe tirou de baixo do braço uma enorme carta quase do tamanho dêle e entregou-a ao outro, dizendo em tom grave:

— Da parte da Rainha para a Senhora Duquesa. Convite para jogar *croquet.*

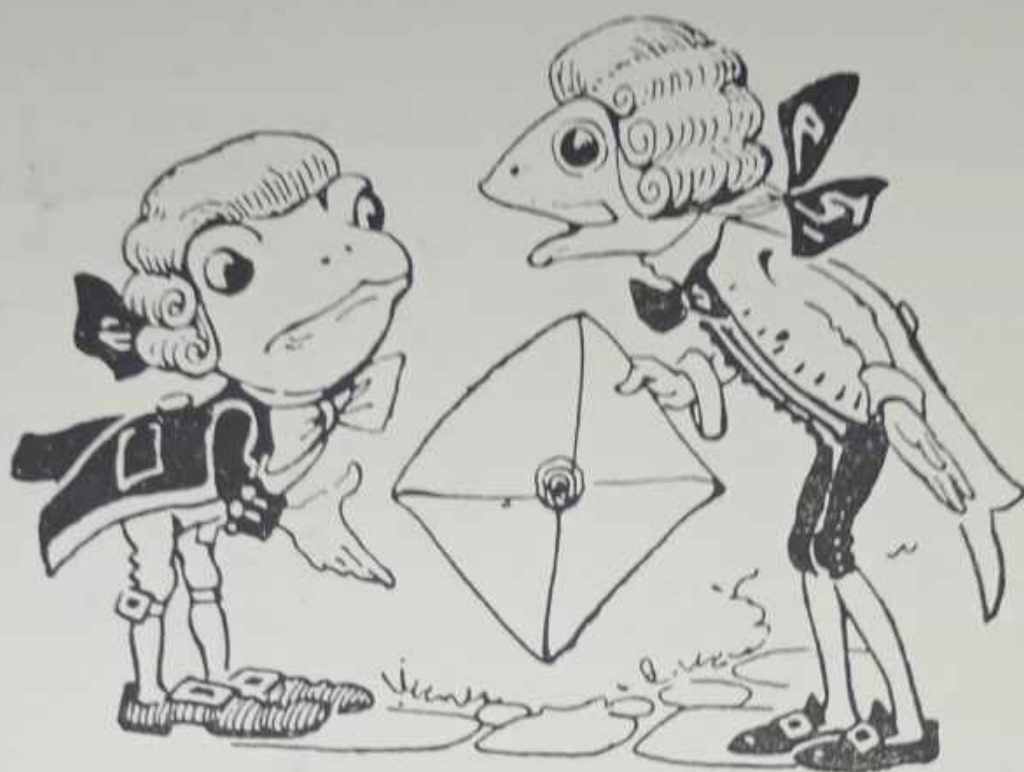
E fizeram ambos tamanha reverência que as duas cabeças se encontraram, *poct!* Alice riu-se tanto que teve de tapar a bôca, de mêdo que êles ouvissem. O criado da Rainha foi-se embora e o outro ficou por ali, olhando estùpidamente para o céu. Aproximando-se dêle, Alice bateu na porta.

— É inútil bater, disse o criado. Primeiro, porque estou do mesmo lado da porta em que você está.

Segundo, porque estão fazendo barulho lá dentro e ninguém ouve.

Reinava, de fato, grande barulho dentro da casa, e de vez em quando ouvia-se rumor de pratos quebrados.

— Diga-me então, observou Alice, que devo fazer para entrar?

— Podia haver razão para que você batesse, continuou o criado sem responder ao perguntado, se a porta estivesse entre nós dois. Isto é, se eu estivesse do

lado de dentro e você do lado de fora. Ou o contrário. Se você estivesse do lado de dentro e eu do lado de fora, eu poderia abrir para você sair. O criado dizia isso sem tirar os olhos do céu, o que Alice achou muito pouco delicado.

— Mas, pensou a menina consigo, talvez êle não tenha culpa disso. Seus olhos são *quase* no alto da ca-

beça e com certeza não pode baixá-los. Em todo caso nada lhe custaria responder à minha pergunta. E repetiu-a: "Diga-me, senhor, por onde poderei entrar?"

— Ficarei sentado aqui até amanhã, foi a estranha resposta do criado e nesse momento a porta abriu-se e um prato veio voando lá de dentro, que esbarrou no nariz do criado e foi quebrar-se na árvore próxima.

— Ou talvez até depois de amanhã, continuou êle no mesmo tom, como se nada houvesse acontecido.

— Como devo entrar? perguntou Alice elevando a voz e já irritada.

— Você vai entrar mesmo? perguntou o criado. É esta a primeira questão que temos de resolver.

Alice não gostou que êle lhe fizesse tal observação. "É horrível como estas criaturas se implicam com tudo! Acabam pondo-me maluca."

Parece que o criado achou boa a oportunidade para voltar à sua idéia do comêço, e disse: — Ficaria sentado aqui durante dias e dias.

— Mas, camelo, que devo fazer para entrar? berrou novamente Alice, furiosa.

— Faça o que quiser, foi a resposta do criado, que se pôs a assobiar muito fresco da vida.

"Oh, é inútil falar a êste imbecil! Trata-se de um perfeito idiota" — e abrindo ela mesma a porta, entrou.

Dava a porta para uma grande cozinha fumarenta. Estava a Duquesa sentada num mocho de três pernas, tendo uma criança ao colo. A cozinheira mexia no fogão uma grande panela de sopa.

— Há de haver muita pimenta naquela sopa, disse Alice espirrando três vêzes seguidas. Irra!

E havia mesmo. Na sopa e no ar. A própria Duquesa espirrava de vez em quando; e a criança que tinha ao colo alternava chôro com espirros. Só não espirravam a cozinheira e o gatão amarelo que a um canto fazia caretas.

— Pode ter a bondade de me dizer, Senhora Duquesa, por que motivo o seu gato faz caretas? perguntou Alice com alguma timidez, pois não estava certa de ter direito de falar em primeiro lugar diante de nobre dama.

— Porque é o Gato Careteiro. Essa é a razão, Porcalhona! foi a resposta da Duquesa.

Alice recuou ao ouvir esta última palavra, dita em tom de cólera. Mas logo percebeu que não fôra dirigida a ela, e sim à criança que estava no colo da dama e que com certeza fizera alguma coisa merecedora da palavra.

— Não sabia dessa raça de gatos careteiros, disse Alice. Nem nunca supus que gato pudesse fazer careta.

— Todos podem e muitos fazem, ensinou a dama.

— Nunca vi nenhum que fizesse, nem sei de nenhum que faça.

— É que você não sabe muita coisa, disse a Duquesa.

Alice não gostou da observação e pensou que seria melhor mudar de assunto. Enquanto pensava nisso, a cozinheira tirou do fogo a panela de sopa e começou a

jogar na Duquesa e na criança tudo quanto se achava ao seu alcance — primeiro as caçarolas, depois os pratos e as terrinas. A Duquesa não ligou a mínima importância àquilo, nem mesmo quando uma sopeira lhe esborrachou o nariz. Quanto à criança, não se podia dizer que estivesse chorando das caçaroladas e pratadas que ia recebendo, porque já estava chorando desde o começo.

— Pare, mulher! gritou Alice. Olhe o que está fazendo!

— Se todos só olhassem para os seus próprios negócios, o mundo andaria muito mais depressa do que anda, grunhiu a Duquesa.

— Se o mundo andasse mais depressa, retrucou Alice muito contente de mostrar ciência, não haveria vantagem nenhuma. Os dias e noites ficavam muito mais curtos do que são. Como a senhora sabe, a terra leva 24 horas para girar em tôrno do seu eixo.

— Por falar em eixo, corte o queixo dela, cozinheira! gritou a Duquesa.

Alice olhou ansiosa para o lado da cozinheira com mêdo de que cumprisse estranha ordem, mas vendo-a totalmente indiferente e absorvida em temperar outra panela, teve coragem de continuar:

— Vinte e quatro horas, disse eu. Ou doze só? Ando meio atrapalhada...

— Ora não me aborreça! interrompeu a Duquesa, pondo-se furiosamente a embalar a criança com uma canção muito sem jeito.

Ralhe co'a criança e bata-lhe quando espirra,
Porque a malvadinha isso faz de pura birra.

Enquanto a Duquesa cantava essa horrível canção, jogando a criança violentamente para o ar, o chôro foi tanto que Alice não pôde ouvir o resto da cantiga.

— Vamos! disse a Duquesa para Alice. Embale a criança, se quiser. Tenho de aprontar-me para jogar o *croquet* com a Rainha — e sem esperar a resposta, jogou-lhe a criança nos braços, como se fôsse um pacote de qualquer coisa; em seguida retirou-se da cozinha.

A cozinheira atirou-lhe com a frigideira à cara, sem conseguir acertar.

Alice pegou da criança com alguma dificuldade, porque era um ser de formato muito fora do comum. Parecia um peixe-estrêla, todo cheio de pernas e pontas. A criaturinha urrava como se fôsse locomotiva e tanto se remexia que por um triz Alice não a deixou rolar por terra.

Logo, porém, descobriu meio de bem segurar a criança e levou-a correndo para fora da casa. "Se a não

tiro daqui, com certeza que a matam em dois ou três dias."

Estas palavras foram ditas em voz alta, e a criança que havia parado de espirrar, grunhiu como em resposta.

— Fique quieta! gritou Alice. Não meta o bedelho em conversa dos mais velhos.

A criança grunhiu novamente, e Alice examinou-lhe a cara pela primeira vez. Tinha um nariz muito revirado para cima, que mais parecia focinho — o que muito aborreceu Alice. Além do mais, aquêles grunhidos suspeitos . . .

"Quem sabe se não foram grunhidos e sim soluços?" pensou a menina, examinando os olhos da criança para ver se estavam molhados de lágrimas.

Não estavam. Não havia chorado. Não fôra soluço, portanto, e sim grunhido dos bons. Alice fêz uma carranca e disse-lhe: — Se você vai transformar-se num porquinho, então não conte mais comigo. Veja lá!

A pobre criatura soluçou novamente (ou grunhiu, era impossível distinguir) e houve uma pequena pausa. Alice pôs-se a refletir no que faria dela ao chegar em casa. Enquanto isso a criança grunhiu de novo, tão bem gunhido que não houve mais dúvida. Era mesmo um porquinho; e, como era um porquinho, não havia razão para ser levado ao colo. Alice largou-o no chão.

Assim que se viu livre, a "criança" pôs-se a correr na direção do bosque. Alice suspirou. "Se tivesse crescido gente, seria uma horrível futura pessoa; mas para porquinho está muito bem e até bonitinho", disse consigo. E começou a pensar em outras crianças que conhecia, as quais ficariam muito bem se igualmente pudessem ser viradas em porquinhos. "Se a gente soubesse como transformá-las ..." Ia pensando isso quando deu com o gato da Duquesa sentado num tronco, a poucos passos de distância.

O gato fêz-lhe uma careta, mas de bom humor. Mesmo assim Alice achou prudente tratá-lo com respeito, porque era gato de unhas muito compridas.

— Gatinho Careteiro! disse ela com timidez, não sabendo se o gato gostava que o chamassem assim. Vendo que não se zangava, aventurou-se a concluir a frase:

— Pode dizer-me que caminho devo tomar?

— Isso depende do lugar para onde quer ír, respondeu com muito propósito o gato.

— Não tenho destino certo.

— Nesse caso, qualquer caminho serve.

— Servirá, sim, se o caminho fôr ter a *algum lugar*, sugeriu Alice.

— Qualquer caminho conduz a algum ponto, se você andar depressa e chegar, disse o gato.

Alice viu logo que o felino era animal de muito bom senso, nada parecido com o criado idiota. E fêz outra pergunta.

— Diga-me, Senhor Gato, que espécie de gente é a que vive nestas paragens?

— Dêste lado vive o Chapeleiro, respondeu o Gato apontando com a mão esquerda, e dêste outro lado vive a Lebre Telhuda. Visite ao qual quiser. Ambos são malucos.

— Mas eu não gosto de lidar com gente maluca, disse Alice.

— Então está pegada, porque aqui tudo é maluco. Eu sou maluco. Você é maluca.

— Como sabe que sou maluca? perguntou Alice.

— Deve ser, respondeu o Gato; do contrário não estaria aqui.

O raciocínio não pareceu muito perfeito, mas a menina continuou nas perguntas.

— E você, como sabe que é maluco? disse ela.

— Vou explicar. Mas diga-me antes: acha que os cães são malucos?

— Suponho que não.

— Pois bem, concluiu o Gato: os cães rosnam, quando se zangam e mexem com a cauda, se estão contentes, não é assim? Já eu *rosno* quando estou satisfeito e movo a cauda quando estou zangado. Por conseguinte, sou maluco.

— Uma coisa é rosnar e outra é roncar. Os gatos rosnam, os cães roncam, explicou Alice.

— Dá na mesma, concluiu o Gato. E, mudando de assunto, perguntou: — Vai jogar *croquet* com a Rainha?

— Gostaria muito, mas não fui convidada.

— Pois se fôr, lá me encontrará, disse o gato desaparecendo.

Alice não se mostrou surpreendida com tais modos, porque já estava acostumada às esquisitices daquele povo. Ficou parada, com os olhos postos no galho onde o Gato estivera, a cismar no que faria. Nisto o Gato reapareceu de brusco.

— A propósito, indagou êle, que é que fêz da criança da Duquesa?

— Soltei-a, porque virou porquinho.

— Assim devia ser, murmurou o Gato desaparecendo de novo.

Alice ainda esperou uns momentos, certa de que êle voltaria pela terceira vez para perguntar mais al-

guma coisa. Mas como não voltasse, dirigiu-se para os lados da Lebre Telhuda.

"Já vi muitos chapeleiros," ia murmurando, "e é gente que não me interessa. Prefiro conhecer a Lebre Telhuda. Como estamos em maio, é possível que esteja menos maluca do que em abril."

Não tinha ainda terminado êste raciocínio, quando ao erguer os olhos viu o Gato reaparecer novamente na árvore.

— Que está pensando? indagou êle.

— Não é da sua conta! respondeu Alice aborrecida com aquela espionagem. Melhor seria que ficasse ou se fôsse embora duma vez.

— Muito bem, disse o gato filosòficamente — e começou a desaparecer pela terceira vez; primeiro desapareceu a ponta do rabo, depois as pernas e por fim a cabeça. O corpo todo já havia desaparecido e a cabeça ainda estava no pau, com a careta sempre.

— Tenho visto muito gato que não faz careta e já vi um gato careteiro. Mas careta só, sem gato atrás, é a primeira vez que estou vendo ...

Duzentos passos adiante Alice encontrou a casa da Lebre. Ou pelo menos a casa que devia ser da Lebre, porque a chaminé tinha forma de orelha e o telhado era coberto de pele, em vez de telhas. Casa enorme, tão grande que antes de entrar Alice resolveu comer um pedacinho do cogumelo que aumentava a estatura. E enquanto comia, pensava:

"Se a Lebre estiver doida furiosa, com certeza vou arrepender-me de tê-la procurado em vez do Chapeleiro ..."

CAPÍTULO VII

UM CHÁ DE DOIDOS VARRIDOS

O CHAPELEIRO e a Lebre Telhuda estavam tomando chá debaixo duma árvore, fronteira à casa. Entre os dois sentara-se um Rato do Campo, o qual dormia a bom dormir, e sono tão pesado que a Lebre e o Chape-

leiro apoiavam nêle os cotovelos, como se fôsse almofada.

"Muito mal deve estar passando o Rato" pensou Alice. Em todo caso, como está dormindo, talvez não sinta a dor.

A mesa era enorme; apesar disso os três se comprimiam numa das cabeceiras. Assim que viram Alice aproximar-se, gritaram: — Não há lugar! Não há lugar!

— Há, e de sobra! berrou Alice, indignada com a grosseria, indo sentar-se na outra cabeceira, numa grande poltrona.

— Aceita um cálice de vinho? perguntou a Lebre em tom animador.

Alice olhou e só viu chá em cima da mesa.

— Não vejo vinho nenhum por aqui...

— Se você não vê é porque não há, retorquiu a Lebre.

— Se não há, a senhora não foi delicada oferecendo-me o que não existe.

— Também não acho delicado vir uma pessoa estranha sentar-se a esta mesa sem ser convidada, retrucou a Lebre.

— Não sabia que esta mesa era sua; além disso, como é muito grande, pareceu-me posta para muito mais de três pessoas.

— Em vez de ser assim tão metediça, era melhor que cortasse êsse cabelo. Está comprido demais, advertiu o Chapeleiro, que até ali se conservara calado, a olhar para a menina atentamente.

Alice respondeu com severidade: — É a maior das grosserias fazerem-se alusões pessoais como essa que o senhor acaba de lançar, ouviu?

O Chapeleiro arregalou desmesuradamente os olhos e saiu-se com um disparate que não tinha menor relação com a conversa.

— Em que é que corvo se parece com uma mesa de escrever?

"Ora graças que mudou de assunto!" pensou Alice. Gosto de decifrar enigmas e adivinhações. E disse em voz alta: — Creio que adivinho.

— Quer dizer que é capaz de responder à questão direitinho? perguntou a estúpida Lebre.

— Está claro.

— Então diga o que quer dizer.

— Eu quero dizer o que penso, o que dá na mesma.

— Não, senhora! contestou o Chapeleiro. Se assim fôsse, "vejo o que como" seria o mesmo que "como o que vejo."

— Está claro, emendou a Lebre. Se assim fôsse, você poderia dizer que "quero o que tenho" era o mesmo que "tenho o que quero."

— Claríssimo! ajuntou o Rato do Campo, que parecia falar dormindo. Se assim fôsse, você poderia dizer que "respiro quando durmo" era o mesmo que "durmo quando respiro."

— Isso aliás é verdade com você, disse o Chapeleiro dirigindo-se ao Rato. Você vive a dormir, e portanto respira quando dorme e dorme quando respira.

Houve uma pausa. Todos pararam de falar e Alice aproveitou o silêncio para refletir na diferença entre um corvo e a escrivaninha. O primeiro a falar foi o Chapeleiro.

— Em que dia do mês estamos? perguntou, tirando o relógio do bôlso e olhando as horas atentamente, depois dumas sacudidelas.

Alice fêz a conta e disse que estavam a quatro.

— Dois dias de diferença! suspirou o Chapeleiro. E, dirigindo-se à Lebre, com ar aflito: — Torno a repetir que a manteiga não serve...

— Era a melhor que havia, respondeu a Lebre humildemente.

— Sim, mas está cheia de migalhas de casca de pão. Aposto que você a tirou da lata com a faca de pão.

A Lebre veio examinar o relógio que o Chapeleiro tinha na mão e fêz também cara aflita. Pegou-o, meteu-o na xícara de chá e, depois de o mirar e remirar, repetiu o que já havia dito:

— Não havia manteiga de melhor qualidade.

Alice também observara o relógio, espiando por entre as orelhas da Lebre.

— Que relógio esquisito! exclamou. Marca dias em vez de horas.

— E que mal há nisso? inquiriu o Chapeleiro. Por acaso marca o seu relógio os anos?

— Seria absurdo, porque durante um ano qualquer relógio acaba a corda muitas vêzes. Por isso não há relógio que marque ano.

— É justamente o que acontece com o meu, disse o Chapeleiro, deixando a menina completamente atrapalhada. Alice não pôde compreender coisa nenhuma, não achando nenhum sentido nas suas palavras. E declarou:

— Não compreendi muito bem o que o senhor disse...

Em vez de responder, o Chapeleiro gritou: — O Rato do Campo dormiu outra vez! e despejou-lhe chá no nariz, fazendo-os sacudir a cabeça com impaciência.

— Claro, claro, disse o Rato sem abrir os olhos. Era precisamente o que eu ia dizer.

— Já resolveu a charada? perguntou de repente o Chapeleiro, voltando-se para Alice.

— Não, e desisto. Qual é a resposta? Diga. Estou ansiosa.

— Também nunca achei a resposta, retorquiu o Chapeleiro.

— Nem eu! ajuntou a Lebre.

Alice danou. — Creio que poderiam fazer coisa melhor do que matar o tempo propondo charadas que não têm solução, disse em tom irônico.

— Se você conhecesse o *tempo* tão bem como eu, não falaria em perder tempo. O tempo é o tempo.

— Não sei o que quer dizer com isso...

— Naturalmente que não sabe, disse o Chapeleiro. Estou certo de que você jamais falou com o Tempo.

— É possível, retrucou Alice, mas em minhas lições de música costumo marcar o tempo — assim, batendo o compasso.

— Compreendo. Naturalmente, de tanto bater o compasso você fêz que o Tempo se magoasse, e está êle agora de mal com você. Se você estivesse de bem com o Tempo, êle a ajudaria a fazer do relógio o que quisesse. Por exemplo: suponha que são nove horas da manhã, isto é, hora de começar a lição. Era só piscar um ôlho para o relógio e êle punha-se a correr e logo estava marcando meio-dia.

— É assim que o senhor faz? perguntou Alice.

O Chapeleiro meneou a cabeça.

— Não! disse êle. Briguei com o Tempo no mês de março último, justamente antes dela ficar maluca (e apontou para a Lebre com a colher de chá.) Foi isso no grande concêrto dado pela Rainha de Copas. Eu tinha de cantar uma cantiga que com certeza você sabe. *O Pequeno Morcêgo.*

— Sei qual é.

— Pois é, continuou o Chapeleiro. Estava cantando isso e vai de repente a Rainha me interrompe, gritando: "Êste sujeito está matando o tempo! Cortem-lhe a cabeça!"

— Que malvada! exclamou Alice.

— E desde então, prosseguiu o Chapeleiro com voz abatida, o Tempo não faz nada do que lhe peço. Êste meu relógio marca sempre cinco horas.

Alice teve uma grande idéia: — Hum! É por isso que o chá está sempre na mesa. Compreendo agora. *Chá das cinco . . .*

— Justamente, continuou o Chapeleiro com um suspiro. Como são sempre 5 horas, o chá das 5 horas está

sempre na mesa — e nem temos tempo de lavar as xícaras, porque nunca se passa a hora do chá.

— E o mais que fazem é mudar de lugar . . . observou Alice.

— Isso mesmo. Mudamos de lugar, vamos assim dando volta à mesa, razão pela qual usamos mesa tão grande.

— Mudemos de assunto, disse a Lebre bocejando. Já estou farta de ouvir falar sempre na mesma coisa. Proponho que esta menina conte uma história.

— Não sei se me lembro de alguma, disse Alice com modéstia.

— Então que conte uma o Rato do Campo, propôs a Lebre — e virando-se para o Rato, berrou: — Acorde, dorminhoco!

Todos caíram em cima dêle, de beliscões e tapas, até que o Rato abrisse vagarosamente os olhos sonolentos.

— Não estava dormindo, afirmou êle com voz bocejante. Não perdi uma palavra do que vocês disseram.

— Conte-nos, então, uma história! pediu a Lebre.

— Conte, conte! gritou Alice.

O Chapeleiro observou: — E comece logo, se não dorme antes de principiar.

— Era uma vez três irmãzinhas, começou o Rato do Campo: Elsa, Lúcia e Tília, as quais viviam no fundo de um poço.

— De que viviam? indagou Alice, sempre curiosa de saber que é que as personagens das histórias costumam comer.

— Viviam de doces, respondeu o Rato, depois de pensar um instante.

— Não pode ser! objetou Alice. Se só comessem doces, haviam de ficar doentes.

— Pois foi o que aconteceu. As três adoeceram gravemente, disse o contador da história.

Alice pôs-se a pensar que coisa extraordinária seria viver só de doces. Mas deixando de insistir nisso, perguntou porque viviam num poço.

— Não amole! gritou a Lebre. Tome mais chá e fique quieta. Deixe o Rato contar a história.

— *Mais* chá? Como isso, se até agora não tomei chá nenhum? disse a menina ofendida.

— Você quer dizer, interveio o Chapeleiro, que não pode tomar menos *chá*. É fácil tomar *mais;* menos é que é impossível.

— Ninguém pediu sua opinião! observou Alice com impertinência.

— Bravos! Temos a menina agora a fazer alusões pessoais! gritou o Chapeleiro, triunfante.

Desta vez Alice não soube responder e permaneceu escandalizada enquanto se servia de chá, com torradas e manteiga. Depois, dirigindo-se ao Rato do Campo, repetiu a pergunta sôbre o motivo por que viviam no fundo do poço as três irmãs.

O Rato refletiu alguns momentos e disse: — Era um poço de doces.

— Absurdo! Nunca existiu semelhante coisa! afirmou Alice, gritando. Mas o Chapeleiro e a Lebre impuseram-lhe silêncio e o Rato do Campo observou, com visível mau humor:

— Se não pára de falar, é melhor que conte a história duma vez.

— Não, não! Por favor, continue! Prometo não interromper mais, disse a menina humildemente.

Menos aborrecido, o Rato do Campo continuou:

— As três maninhas aprenderam a tirar do poço...

— Quê?

— Doces! declarou o Rato, sem zangar-se com a nova interrupção.

— Quero uma xícara limpa! gritou o Chapeleiro. Vamos todos mudar de lugar. E levantou-se, seguido do Rato do Campo e da Lebre, trocando assim de lugar. Alice, muito contra a vontade, foi sentar-se no lugar da Lebre. Quem saiu lucrando com a troca foi o Chapeleiro, que ficou com as torradas da menina; e quem mais perdeu foi Alice, porque a Lebre havia derramado todo o leite da sua leiteira na mesa.

A menina não queria novamente ofender o Rato com as suas interrupções, mas não resistiu à tentação de perguntar:

— Mas como tiravam elas o doce do poço?

— Assim como se tira água dum poço dágua assim também se tira doce dum poço de doce, explicou o Chapeleiro.

— Mas as irmãs estavam no fundo do poço e não fora dêle! objetou Alice.

— Isso lá é verdade, confirmou o Rato do Campo, deixando Alice tão aturdida que resolveu calar-se e não mais perguntar coisa alguma. O contador da história, já com os olhos pesados de sono, bocejava, esfregava a cara e dizia, continuando a sua horrível narração:

— As três irmãs aprenderam a tirar do poço muitas coisas — tôdas as coisas que começam por M . . .

— Por que M? interrompeu Alice.

— E por que não M? interveio a Lebre.

Alice calou-se. O Rato do Campo tinha fechado os olhos e ia adormecendo, mas o Chapeleiro deu-lhe um forte beliscão e fê-lo continuar.

— . . . que começavam por M, tais como: melancia, melão, marmelada, memória, e *muita-coisa*. Já viu um pedaço de muita-coisa?

Alice estava tão atrapalhada com a trapalhada que respondeu:

— Não sei.

— Nesse caso, cale a bôca, advertiu o Chapeleiro.

Não podendo por mais tempo suportar tanta maluquice e grosseria, a menina levantou-se e foi-se embora. O Rato do Campo aproveitou o incidente para adormecer de novo e os outros nem deram pela sua saída, embora Alice olhasse para trás duas ou três vêzes, com esperança de que a chamassem. Da última vez que olhou viu que os dois malucos tentavam enfiar o Rato do Campo dentro do bule de chá.

"Nunca mais me pilham!" ia Alice dizendo pelo caminho, o qual atravessava a floresta. De repente parou diante de uma árvore que tinha uma porta.

"É curioso isto de árvore com porta!" pensou ela. Mas que é que não é curioso nesta estranha terra? E tratou de ir entrando.

Com surprêsa, achou-se de novo na sala grande do comêço dêste livro, perto da mesinha de vidro.

"Agora, sim, sei o que fazer!" murmurou ela. E pegando na chavinha de ouro abriu a minúscula porta que dava para o jardim. Para passar por ali tinha de diminuir a estatura. Para isso bastava comer um pedaço do cogumelo. Foi o que fêz. Ficou logo do tamanho necessário, passou pela portinha e pôde finalmente penetrar no maravilhoso jardim, cheio de lindos canteiros de lindas flôres e de repuxos dágua como nunca se viram iguais.

CAPITULO VIII

O CAMPO DE CROQUET DA RAINHA

Logo na entrada do jardim havia uma enorme roseira coberta de rosas brancas, que três jardineiros estavam apressadamente pintando de vermelho. Achando

o caso muito curioso, Alice aproximou-se para ver melhor. E pôde ouvir a conversa dos jardineiros.

— Cuidado, Cinco! Não me espirre tinta dêsse jeito!

— Não foi por culpa minha. Foi o Sete que me deu um empurrão, respondeu o Cinco de mau humor.

O Sete olhou atravessado e contestou:

— Você tem a mania de fazer as coisas e pôr culpa nos outros...

— Cale a bôca que é o melhor! retrucou o Cinco. Não foi à toa que a Rainha disse ontem que você merecia ser decapitado.

— Decapitado, por que? indagou o que havia falado primeiro.

— Não é da sua conta, Dois. Cuide do seu serviço, respondeu o Sete.

— É, sim, da conta dêle! disse o Cinco. E vou contar porque foi. Foi porque levou para a cozinheira batatas de dália como se fôssem batatas doces.

O Sete ia largando o pincel para responder, quando deu com a menina desconhecida. Ficou atrapalhado e por fim cumprimentou-a. Os outros também largaram do serviço e fizeram o mesmo. — Poderão os senhores explicar-me por que motivo estão pintando essas rosas? perguntou a menina.

Cinco e Sete nada responderam, limitando-se a olhar para Dois, que disse em voz baixa: — Por uma razão muito simples. Esta roseira devia ser de rosas vermelhas, mas nós, por engano, plantamos uma roseira de rosas brancas. Se a rainha souber, manda-nos cortar a cabeça. Por isso estamos a corrigir o nosso êrro antes que ela chegue.

Nisso o Cinco, que estivera de olhos postos numa certa direção, gritou muito aflito: — A Rainha vem vindo! Os três lançaram-se por terra, com as caras ocultas

nas mãos, enquanto Alice olhava no rumo indicado. Tinha imensa curiosidade de conhecer a Rainha.

Lá vinha a grande dama! À frente marchavam dez soldados armados de paus. Tinham a mesma forma dos três jardineiros, quadrados e chatos como cartas de ba-

ralho, com mãos e pés saindo dos cantos. Em seguida vinham os fidalgos da Côrte, ornamentados de naipes de ouro e marchando dois a dois, como os soldados. Depois vinham as crianças da Côrte também em número de dez e vestidinhas de naipes de copas. A seguir vinham os convidados, na maioria reis e rainhas — e entre êles Alice reconheceu o Coelho Branco. Vinha fa-

lando muito depressa, sorrindo a tudo que lhe diziam e passou por Alice sem lhe dar atenção. Depois vinha o Valete de Copas, carregando a coroa do Rei numa almofada de veludo; e finalmente vinham o Rei e a Rainha de Copas.

Alice ficou na dúvida se devia deitar-se no chão como os três jardineiros, embora jamais ouvisse falar de semelhante prática à passagem dos cortejos reais. "Além disso", pensou ela, "de que serviria um cortejo, se todos tivessem de deitar-se de cara para a terra durante a passagem? Ninguém poderia vê-lo e os cortejos

existem para ser vistos." Resolveu ficar de pé e aguardar os acontecimentos. Quando o cortejo lhe passou à frente, todos pararam e fixaram os olhos nela.

— Quem é esta menina? perguntou com severidade a Rainha, voltando-se para o Valete de Copas, o qual, em resposta, limitou-se a sorrir, fazendo uma reverência.

— Idiota! exclamou a Rainha. E dirigindo-se a Alice indagou: — Como se chama?

— Saiba Vossa Majestade que meu nome é Alice, respondeu a menina delicadamente. E pensou consigo: "Nada tenho a recear, porque tôda esta gente não passa de baralho de cartas com pernas, braços e cabeças."

— E quem são êstes figurões? perguntou a Rainha apontando para os três jardineiros. Como estivessem deitados de costas para cima, e as costas das cartas de baralho são tôdas iguais, não podia saber se os jardineiros eram reis ou valetes.

— Como posso saber se não sou daqui? respondeu Alice, admirada da sua própria coragem. Não é da minha conta.

A Rainha ficou vermelha e depois de olhá-la por algum tempo exclamou, num acesso de cólera: — Cortem-lhe a cabeça!

— Não seja tôla! gritou a corajosa menina, deixando a Rainha estupefata. Nisto o Rei pôs a mão no ombro da grande dama e observou calmamente:

— Não faça caso, Rainha. Trata-se duma simples garôta — mas a Rainha deu-lhe um safanão e ordenou ao Valete:

— Vire-os para cima! o que o Valete fêz com a ponta do pé.

— Levantem-se! bradou a Rainha.

Os três jardineiros levantaram-se e começaram a fazer humildes reverências ao Rei, à Rainha, aos fidalgos e a todos mais.

— Parem com isso! ordenou a Rainha. Que estavam fazendo aqui?

— Saiba Vossa Majestade, começou a responder o Dois, ajoelhando-se para falar, que estávamos . . .

— Estou vendo! gritou a Rainha de olhos postos na roseira. E voltando-se para os soldados: — Cortem-lhes a cabeça! ordenou.

Em seguida o cortejo moveu-se para frente, ficando ali os soldados incumbidos de executar a real sentença. Os pobres jardineiros correram para Alice, pedindo-lhe socorro. A menina apiedou-se e resolveu de-

fendê-los. Agarrou-os e escondeu-os num vaso de flôres que havia perto. Os soldados procuraram-nos em vão e por fim lá se foram, muito sossegados da vida.

— Cortaram as cabeças daqueles patifes? indagou a Rainha logo que os soldados se reuniram ao cortejo.

— Saiba Vossa Majestade que as cabeças dêles lá se foram! responderam todos a um tempo.

— Muito bem! exclamou a Rainha satisfeita. E, voltando-se para Alice, gritou de longe: — Sabe jogar *croquet!*

— Sim, respondeu Alice sem hesitar.

— Então venha! ordenou a grande dama.

Alice correu a acompanhar o cortejo, muito curiosa do que iria acontecer.

— Que lindo dia! exclamou uma voz a seu lado. Era o Coelho Branco.

— Lindo, realmente, concordou a menina. Onde está a Duquesa?

O Coelho Branco ergueu-se na ponta dos pés e disse-lhe ao ouvido:

— Foi condenada à morte!

— Por quê?

— Está com pena dela?

— Nenhuma. Estou apenas curiosa de saber a causa da sua condenação.

— Ela deu um sopapo na cara da Rainha... começou o Coelho a contar, mas teve de interromper a

narrativa, tal o acesso de riso que atacou Alice. O Coelho ficou receoso de que a Rainha percebesse o assunto da conversa e afastou-se disfarçadamente.

Tinham chegado ao campo de *croquet*.

— Coloquem-se todos nos seus lugares! ordenou a Rainha com voz de trovão.

Os jogadores obedeceram. Correram em tôdas as direções, tropeçando uns sôbre os outros e por fim colocaram-se cada qual no seu lugar. Ia começar a partida.

Alice jamais vira um campo de *croquet* como aquêle, cheio de altos e baixos. As bolas eram ouriços vivos e os arcos eram formados pelos soldados, dobrados pelo meio do corpo, com as mãos e os pés enterrados no solo.

Os jogadores jogavam todos ao mesmo tempo e não paravam de discutir um só instante. De minuto em minuto a Rainha irritava-se e, batendo o pé com fúria, ordenava: — Cortem-lhe a cabeça!

Alice começou a ficar inquieta, porque embora ainda não tivesse brigado com a Rainha, via que isso podia acontecer dum instante para outro e — "Que será de mim então? A moda é cortar a cabeça por qualquer coisa, e andam tanto na moda, que já não há cabeças em cima dos pescoços."

Pôs-se a procurar o jeito de escapar dali sem dar na vista. Súbito notou alguma coisa estranha no ar

Prestando maior atenção, percebeu o que era. "O Gato Careteiro!" exclamou. "Tenho agora com quem conversar um bocado."

— Como vai, menina? disse-lhe o Gato, parando de fazer caretas.

Alegre de ter um ouvinte, Alice começou a falar sôbre aquela estranha partida de *croquet*, na qual tomara parte sem querer.

— Não jogam direito, disse ela. Discutem que é um horror e parece que não seguem regra nenhuma. Ninguém pode imaginar a confusão que causa jogar com os ouriços vivos em vez de bolas de pau. Ainda agora tinha eu de pegar uma bola que veio do meu lado. Assim que armei a pancada, *êle* fugiu correndo e me deixou sem bola.

— Está gostando da Rainha? perguntou o Gato em voz baixa.

— Nada, nada. Ela é tão ... ia dizendo Alice, mas percebeu que a Rainha estava atrás dela, ouvindo tudo, e disse ... tão hábil no jôgo que nem vale a pena jogar-se com ela.

A Rainha sorriu e passou.

— Com quem está falando? perguntou o Rei a Alice, ao vê-la de olhos postos numa cara de gato.

— Estou conversando com o meu amigo Gato Careteiro. Quer que lho apresente?

— Não gosto nada da cara dêle, respondeu o Rei, mas isso não impede que lhe dê minha mão a beijar.

— Dispenso a honra, rosnou o Gato.

— Impertinente! exclamou o Rei. E, voltando-se para a menina, disse: — Não gosto nada dessa cara de gato.

— Já li num livro, lembrou Alice, que só um gato pode olhar firme para um rei.

— Pode ser que sim, advertiu o Rei, mas vou já mandar botar êsse gato daqui para fora. E chamou a Rainha, que ia passando.

— Minha cara, desejo que mandes dar cabo dêste gato.

A Rainha resolvia tôdas as situações sempre do mesmo modo — "Corte a cabeça!" Por isso limitou-se a gritar: — Cortem-lhe a cabeça!

— Eu mesmo vou buscar o carrasco, disse o Rei, afastando-se.

Enquanto isso, o jôgo continuava, sempre na maior confusão. A Rainha já mandara decapitar metade dos

jogadores, pois era essa a pena que dava para quem cometia um êrro. Por fim acabou-se o jôgo e Alice voltou a lidar com o gato, ficando surpreendida de ver uma multidão em redor dêle. O Rei, a Rainha e o carrasco estavam empenhados numa forte discussão. Todos três falavam ao mesmo tempo, enquanto um silêncio de terror reinava na comitiva.

Quando Alice apareceu, pediram-lhe que resolvesse o caso, e cada qual lhe repetiu as razões que tinha. Mas como ninguém esperava a sua vez de falar, Alice não conseguiu entender coisa nenhuma.

O caso era êste. O carrasco alegava que para cortar a cabeça do gato era preciso haver um gato ligado àquela cabeça. Ora, não havia gato ligado à cabeça, logo êle não podia cortar a cabeça do gato.

O Rei alegava que se a real ordem não fôsse cumprida êle mandaria matar a todo o mundo (era esta ameaça que havia deixado o auditório em tão profundo silêncio.)

Alice interveio e declarou: — Êste gato pertence à Duquesa e não pode ser decapitado sem o consentimento dela. Temos de consultá-la.

— A Duquesa foi condenada à morte e está na cadeia esperando pelo cumprimento da sentença, disse a Rainha ao carrasco. Vá buscá-la.

O carrasco saiu que nem uma flecha.

Assim que êle partiu, a cabeça do gato começou a desaparecer; e quando o carrasco tornou, trazendo con-

sigo a Duquesa, já não restava do gato nem sombra. Rei, Rainha e mais membros da Côrte procuraram-no por tôda parte, furiosos por terem sido logrados de tão estranha maneira. Depois voltaram ao jôgo.

CAPITULO IX

A HISTÓRIA DA TARTARUGA FALSA

— Você não pode imaginar como estou contente por vê-la de novo, minha querida! disse a Duquesa tomando afetuosamente Alice pelo braço.

Satisfeita com a disposição de espírito da grande dama, Alice imaginou que talvez fôsse a pimenta em

pó, que pairava no ar da cozinha, o que a tornara tão selvagem e bruta naquele dia.

— Quando eu fôr duquesa, não terei pimenta na cozinha, pensou consigo. Talvez seja a pimenta que botam na comida o que deixa a gente tão esquentada, e o vinagre seja o que deixa a gente azêda, e o açúcar seja o que deixa a gente amável. Ah, se todos soubessem disso . . .

— Está pensando nalguma coisa muito interessante! exclamou a Duquesa.

— Como sabe? perguntou Alice.

— Porque está calada e absorvida, respondeu a Du-

quesa achegando-se ainda mais. Alice nada gostou daquilo, primeiro porque a grande dama era horrivelmente feia, e segundo, porque sua cabeça lhe dava pelos ombros e, como tivesse cabelos horrìvelmente espetados, não era agradável o contacto. Como, porém, não quisesse ser grosseira, tudo suportou de cara alegre e continuou na conversa.

— Estão jogando o *croquet* muito melhor agora, disse:

— A moral do fato é que é o amor que faz o mundo girar, observou a Duquesa.

Querendo mostrar sabedoria, Alice replicou:

— Assim é, porque cada qual só cuida dos seus próprios interêsses.

— Realmente! concordou a dama, batendo com o queixo pontudo no ombro da menina. E acrescentou,

muito fora de propósito: — Livra-me dos ares que te livrarei dos males.

— Como gosta de se mostrar sabida! pensou Alice consigo.

— Pensando de novo? observou a Duquesa.

— Penso porque quero. Creio que tenho o direito de pensar, respondeu a menina já meio aborrecida.

— Você tem o direito de pensar como os porcos têm o direito de voar. É a mo... disse a Duquesa, interrompendo-se na palavra "moral."

Alice estranhou a interrupção e notou que o braço da grande dama começava a tremer. Erguendo os olhos

compreendeu a causa. Era a Rainha que vinha chegando de braços cruzados e carrancuda.

— Que lindo dia, Majestade! exclamou a Duquesa em voz amável, mas débil, para agradar à Rainha. Esta, porém, não se deixou amolecer e disse, batendo o pé:

— Vou dar-lhe um bom conselho, Duquesa. Ou você some-se já daqui, ou a sua cabeça voa do pescoço. Escolha!

Está claro que a grande dama preferiu conservar a cabeça no pescoço e safar-se.

— Vamos continuar o nosso jôgo, disse então a Rainha à Alice.

Tão assustada estava esta com aquêles modos despóticos, que nada replicou e seguiu-a qual sombra.

Os demais convidados haviam aproveitado o afastamento da Rainha para um breve repouso debaixo das árvores; mas, apenas viram-na de volta, correram pressurosos, certos de que qualquer demora lhes custaria a cabeça fora do pescoço.

O jôgo retomou seu curso. Durante todo o tempo não cessava a Rainha de discutir e zangar-se, terminando sempre com o inevitável e terrível: "Cortem-lhe a

cabeça!" Os condenados ficavam sob a guarda dos soldados, que naturalmente tinham de deixar de fazer de arcos. De modo que meia hora depois já não havia mais arcos no campo de *croquet* e todos os jogadores, menos Alice e o Rei, estavam presos para serem decapitados. A Rainha, então, abandonando a partida, e já quase sem fôlego, perguntou a Alice:

— Já viu a Tartaruga Falsa?

— Não, Majestade, nem tenho a menor idéia do que possa ser semelhante criatura.

— Venha, então, que a apresentarei, para que ela conte a você a sua história, disse a Rainha.

Caminharam juntas. De passagem Alice ouviu o Rei dizer aos prisioneiros: "Estão todos perdoados!"

— Ainda bem! pensou Alice, que tinha ficado terrìvelmente impressionada com aquela enorme quantidade de condenações.

Pouco depois passaram por perto dum Grifo que dormia ao sol (se o leitor não sabe que monstro é êste, veja a gravura.)

— Acorde mandrião! ordenou a Rainha. E conduza esta menina à presença da Tartaruga Falsa, para que conheça tôda a sua história. Tenho de ir ver se cumpriram as minhas ordens. Disse e retirou-se, deixando Alice sòzinha com o Grifo. A menina não gostou de sua cara, mas refletiu que quem vê cara não vê coração, e, portanto, talvez fôsse preferível aquela companhia à da Rainha malvada. E ficou.

O monstro ergueu-se vagarosamente, esfregou os olhos sonolentos e, contemplando a Rainha que se afastava, exclamou: — Que grande pândega!"

— A quem é que você chama pândega? interrogou Alice.

— Ela, quem mais? Está sempre a ameaçar de morte céus e terras e no entanto aqui não se mata ninguém. Venha comigo.

— Tôda a gente por aqui gosta de dizer "Venha!" Nunca fui tão mandada em tôda a minha vida... pensou Alice.

Não longe dali descobriram a Tartaruga Falsa, que estava sentada numa pedra, sòzinha e muito triste. Alice reparou que a tartaruga suspirava tão profundamente que o coração parecia saltar-lhe fora do peito. Teve dó da infeliz e perguntou ao Grifo: — Que é que ela tem?

O monstro respondeu quase com as mesmas palavras de antes, explicando que por ali só existiam visões. Não tinha nada, como a Rainha não matava nada. Aproximaram-se da Tartaruga Falsa, que fitou nos recém-chegados os seus olhos cheios de lágrimas, sem dizer coisa nenhuma. O Grifo explicou:

— Esta garôta está aqui por ordem da Rainha para ouvir a sua história.

— Está bem, respondeu a bicha. Sentem-se e não me interrompam antes do fim.

Alice e o Grifo sentaram-se, e durante vários minutos ficaram sem ouvir coisa nenhuma, porque a Tartaruga nada dizia.

— Se não começa nunca, como há de acabar? pensou Alice.

Passaram-se mais uns minutos. Por fim a Tartaruga arrancou do peito um suspiro profundo e começou: "Eu era uma tartaruga verdadeira . . ." Mas interrompeu-se, e guardou mais outros minutos de silêncio, só quebrados pela tosse do Grifo e os soluços da contadeira.

Por um triz que Alice não se levantou e disse: "Muito obrigada pela sua história, mas até logo!" Conteve-se, entretanto, na esperança de que a história afinal saísse e fôsse deveras interessante.

Por fim a Tartaruga continuou:

— Quando pequenas, eu e minhas irmãs íamos todos os dias à escola do mar. Nossa mestra era uma tartaruga velha, de óculos, que chamávamos a Tartarugona . . .

— Por que é que lhe chamavam assim, se não era êsse o seu verdadeiro nome? interpelou Alice.

— Davamos-lhe êsse nome por ser a nossa mestra e por ser muito grande, respondeu a contadeira com cara aborrecida. Que pergunta tôla!

— Sim, observou o Grifo. Acho que é bobagem fazer perguntas como essa, e tanto êle como a Tartaruga se calaram, de olhos postos na menina.

— Continue, melindrosa! replicou Alice com ironia. Se não, ficaremos aqui o dia inteiro.

A tartaruga prosseguiu:

— Íamos à escola do mar, por mais que você custe a crer no que digo.

— Eu não disse que não acreditava! interrompeu a menina.

— Não disse mas pensou, redarguiu a Tartaruga.

— Ora bolas! interveio o Grifo já amolado. Acabemos com isto . . .

A Tartaruga Falsa continuou:

— Lá recebemos a melhor educação e nunca faltamos uma só vez às aulas.

— Grande coisa! exclamou Alice. Também eu ia diàriamente à escola e nunca vi nisso razão para orgulho.

— E aprendeu muita coisa? perguntou a contadeira.

— Está claro que sim. Aprendi inglês e música e geografia e aritmética.

— Aprendeu a lavar roupa?

— Isso, não! exclamou Alice com desprêzo.

— Nesse caso, não era uma boa escola! disse a Tartaruga satisfeita. Na nossa aprendíamos tôda essas coisas e ainda a lavar roupa.

— Muito estranho isso, porque quem vive no fundo do mar parece-me que não necessita saber lavar roupa.

— Sim, mas tínhamos de aprender tudo, porque só havia um curso e a lavagem de roupa fazia parte dêle.

— De que mais matérias se compunha o curso?

— Das matérias do costume e das diferentes partes da Aritmética — Ambição, Enfeação, Derisão.

— Que vem a ser "Enfeação"? perguntou Alice. Nunca ouvi falar em semelhante matéria.

Tamanha foi a surprêsa do Grifo diante da ignorância da menina, que ergueu as patas para o céu.

— Nunca ouviu falar em Enfeação? exclamou. Mas suponho que sabe o que é embelezar.

— Isso sei! É tornar uma coisa mais bonita.

— Pois se sabe isso e não sabe o contrário, você é uma simplória, disse o Grifo.

Alice não se sentiu com ânimo de fazer outras perguntas daquela qualidade e voltou ao assunto do comêço.

— E que mais tinha de aprender? perguntou.

— Havia lições de Mistério, antigo e moderno: lições de Margrafia e Deslizamento. A professôra de Deslizamento era uma velha enguia, que vinha só uma vez por semana. Ensinava também Esticamento e Enrolamento.

— Que vem a ser isso?

— Não posso explicar com atos, respondeu a Tartaruga Falsa, porque sou muito dura de corpo. Também o Grifo não pôde aprender isso.

— Não tive tempo, explicou êste. Mas estive estudando com o mestre dos Clássicos, que era um caranguejo cascudo.

— Nessa aula não estive, disse a Tartaruga, porque nela se ensinava a rir e chorar e eu não fui feita para rir.

— E quantas horas de estudo tinham por dia? apressou-se Alice a perguntar, para fugir do assunto triste.

— Dez horas no primeiro dia, nove no segundo, oito no terceiro e assim por diante, explicou a Tartaruga.

— Que curioso sistema! exclamou Alice, achando que era muito melhor do que o usado com ela. Por êsse método, no undécimo dia começam as férias...

— Basta de lições, disse o Grifo. Ela que fale agora sôbre os jogos.

CAPÍTULO X

A QUADRILHA DAS LAGOSTAS

A TARTARUGA FALSA deu um profundo suspiro, passando uma pata pelos olhos. Depois voltou-se para a menina e tentou falar, mas os suspiros embargavam-lhe a voz.

— Parece que você tem um osso atravessado na garganta! observou o Grifo, dando-lhe alguns murros nas costas. A Tartaruga finalmente recuperou a voz e continuou, enquanto lágrimas copiosas lhe corriam pela face:

— Não sei se você já viveu algum tempo no fundo do mar, disse para a menina — que arregalou os olhos, estranhando a observação.

— Nunca.

— Nesse caso, jamais foi apresentada a uma lagosta.

Alice pôs-se a pensar: "Lagosta? Ah, sim, já comi uma!" mas teve mêdo de expressar em voz alta êste pensamento, limitando-se a responder que não.

— Então não pode fazer idéia do que seja uma quadrilha de lagostas.

— Está claro que não, confessou Alice.

— Tão simples! exclamou o Grifo. Primeiro, forma-se uma fila ao longo da praia . . .

— Duas filas! emendou a Tartaruga. Uma de focas, outra de tartarugas. Isso depois de limpar-se a praia das águas-vivas, ou peixes gelatinosos.

— O que dá muito trabalho, porque são difíceis de ser pegados. Depois cada um dá um passo à frente, tendo uma lagosta como par, ajuntou o Grifo.

— Dois passos! emendou a Tartaruga. E cada um muda de lagosta, voltando todos para trás. Depois, sabe o que acontece? Atiram com...

— ... as lagostas para o mar! concluiu o Grifo.

— O mais longe que podem! acrescentou a Tartaruga.

— E nadam atrás delas! ajuntou o Grifo.

— E as lagostas voltam outra vez! gritou a Tartaruga. Voltam para a praia. Tudo isto não passa da primeira contradança, explicou ela baixando a voz, e como ambos estivessem a dar saltos para melhor mostrar como era a dança, parece que caíram em si e envergonharam-se, porque chegado a êsse ponto sentaram-

se na posição primitiva, muito tristes e calados, olhando para Alice.

— Deve ser uma dança muito linda! disse esta, para animá-los.

— Quer conhecê-la? perguntou a Tartaruga.

— Com muito gôsto.

— Então venha, vamos experimentar a primeira figura, disse a Tartaruga ao Grifo. Como não há lagostas, passaremos sem elas. Mas quem faz a parte do canto?

— Cante você, que eu já me esqueci da letra, respondeu o Grifo.

Assim se fêz. Começaram os dois a dançar em volta de Alice, pisando-lhe os pés quando se chegavam demasiado. A Tartaruga Falsa não só cantava, como ainda marcava o compasso com as desajeitadas patas. Alice nunca imaginou espetáculo mais cômico, porque se há criatura que não deve dançar nunca, é uma tartaruga. Quando a dança chegou ao fim, a menina disse:

— Bravos, bravos! A dança é linda e o canto mais lindo ainda. A letra refere-se às pescadas, um peixe que já vi inúmeras vêzes ao jan... e parou de repente.

— Ao jan? repetiu a Tartaruga, sem compreender que era apenas a primeira sílaba da palavra jantar. Se você as viu muitas vêzes no tal jan... então conhece muito bem como são elas.

Alice, que só conhecia pescadas fritas, respondeu com alguma dúvida: — Sim, sei. Têm os rabos na bôca e são cobertas de farinha de biscoito.

— Está enganada quanto à farinha de biscoito. Os peixes não podem andar cobertos de farinha, porque a água os está lavando constantemente. Mas é verdade que têm o rabo na bôca, disse a Tartaruga.

— Qual a razão disso?

Em vez de responder, a Tartaruga bocejou e disse ao Grifo: "Conte!"

— A razão, explicou êste, é que quando foram à dança das lagostas, de mêdo de serem agarradas pelo rabo e atiradas longe, meteram os rabos na bôca e nunca mais puderam tirá-los. Eis tudo.

— Obrigada! disse a menina. É muito interessante a explicação. Não há mais alguma coisa?

— Se quer, poderei contar outra, observou o Grifo. Sabe por que se chamam pescadas?

— Nunca pensei nisso.

— Tão simples! Chamam-se pescadas porque são pescadas, disse o Grifo.

Alice desapontou com a brincadeira, mas a Tartaruga disse-lhe umas amabilidades que lhe fizeram voltar o bom humor e pediu-lhe que contasse alguma coisa da sua história.

— Poderei contar minhas aventuras, disse Alice, começando pelas de hoje, porque ontem eu era outra pessoa.

— Como isso? Explique-se! suplicou a Tartaruga.

A menina começou a contar sua história desde o momento em que viu pela primeira vez o Coelho Branco. Ficou meio nervosa a princípio, porque as duas criaturas vieram postar-se muito próximas dela, uma de cada lado, de bôcas abertas e olhos arregalados. Mas vendo que eram boas pessoas, criou coragem e continuou. Os ouvintes permaneceram quietos até o momento em que Alice contou a passagem do encontro com o Bicho-Cabeludo, na qual as palavras lhe saíam atrapalhadas. Nesse ponto a Tartaruga interrompeu-a, dizendo:

— Isso é muito curioso!

— É a coisa mais curiosa que pode haver! ajuntou o Grifo.

— Tudo sair diferente! ... repetiu a Tartaruga, como se estivesse pensando em voz alta. Oh, peça-lhe que repita um pedacinho da conversa! disse ao Grifo, como se esta criatura tivesse alguma autoridade sôbre a menina.

— Fique de pé e recite "A Vida do Vagabundo", ordenou o Grifo.

— Como são mandonas estas criaturas! pensou Alice. Querem fazer-me repetir versos, como na escola ... Mas apesar disso levantou-se e começou a repetir os versos que sabia de cor. Sua cabeça, entretanto, estêve por demais cheia de lagostas, de modo que cada vez que aparecia a palavra "vagabundo" ela dizia lagosta, e ficou uma grande trapalhada.

— Êsses versos são muito diferentes dos que aprendi na escola, disse o Grifo.

— Eu não os conhecia, mas devo dizer que me soam muito mal, acrescentou a Tartaruga.

Alice nada respondeu. Sentou-se e escondeu o rosto nas mãos, pensando: "Meu Deus! Será que nunca mais me acontecerá nada naturalmente?"

— Gostaria que ela se explicasse, disse a Tartaruga.

— Impossível. Esta menina nunca poderá explicar o que disse, declarou o Grifo. Continuemos com o recitativo. Vamos à segunda parte.

Embora na certeza de que ia recitar tudo errado, Alice não ousou desobedecer e continuou a dizer os versos com voz trêmula. Em meio, porém, a Tartaruga interrompeu-a.

— Pare com isso duma vez! Está tão atrapalhada que já estou ficando com dor de cabeça.

Alice respirou, porque parar com aquilo era justamente o que ela queria. O Grifo, então, perguntou-lhe

se desejava vê-los ensaiar outra figura da Dança das Lagostas.

— Não, respondeu Alice. Prefiro que a Tartaruga cante outra cantiga.

— Bem, disse o Grifo um tanto desnorteado. Gostos não se discutem. Cante a "Sopa de Tartaruga", minha cara amiga!

A Tartaruga Falsa suspirou profundamente e começou a cantar, soluçando de vez em quando:

Esperando os convidados na sua terrina, etc.
Bela sopa, gordurenta e cheirosa . . .

Era comprida a canção e a cantora estava no meio quando um grito ao longe veio interrompê-los: "O julgamento vai começar!" dizia a voz.

— Venha comigo, ordenou o Grifo, tomando Alice pela mão, sem esperar que a cantiga chegasse ao fim.

— Que julgamento é êsse? indagou ela aflita, enquanto corriam.

O Grifo só respondeu: "Corra!" e apressou a marcha, puxando-a com mais fôrça.

De longe ainda ouviram a voz rouca da Tartaruga, repetindo os versos do estribilho:

So-opa cheiro-sa e quentinha
Bela, be-ela so-opa de Tartaru-uga.

CAPITULO XI

QUEM FURTOU OS BOLOS?

O REI E RAINHA de Copas estavam sentados no trono quando Alice e o Grifo chegaram. Em redor dos monarcas reunia-se grande multidão de aves e animais de tôdas as espécies e tôdas as cartas do baralho. Em frente do trono via-se o Valete de Copas entre dois soldados; e ao lado direito do Rei, o Coelho Branco, segurando um clarim com uma das mãos e tendo na outra um pergaminho enrolado. No centro do pátio havia uma mesa com uma bandeja e muitos bolos. Tinham tão boa aparência êsses bolos que Alice ficou logo de água na bôca. "Que bom se já tivesse acabado o julgamento e fôsse a hora dos comes e bebes!" pensou consigo. E para esquecer os bolos começou a observar o que se passava em redor.

Alice jamais assistira a um julgamento no tribunal do Júri, embora tivesse lido em livros alguma coisa a respeito. Logo que correu os olhos pela sala verificou que quase todos os personagens eram seus conhecidos, o que muito a satisfez.

"Aquêle lá é o Juiz" pensou consigo, "porque usa toga e cabeleira. E quem faz de juiz é o Rei. Lá está a coroa dêle colocada por cima da cabeleira! Os que se sentam em redor da mesa grande são os jurados."

Alice demorou o pensamento nessa idéia, sentindo-se orgulhosa de saber que coisa eram jurados. Poucas meninas da sua idade sabem o que significa isso — e ela sabia.

Os jurados mostravam-se muito atarefados, escrevendo palavras e números nas pedras que tinham diante de si, sôbre a mesa.

— Que estão a escrever? perguntou ela ao Grifo em voz baixa, não podendo compreender que tivessem

o que escrever antes de começados os trabalhos do julgamento.

— Estão a escrever os seus próprios nomes, de mêdo de os esquecerem antes de finda a sessão, respondeu o Grifo.

— Que bobagem! exclamou Alice em voz alta sem querer. Mas calou-se, porque o Coelho Branco fêz cara feia e gritou de longe:

— Silêncio! Ninguém pode falar!

O Rei pôs os óculos e correu os olhos pela assistência para descobrir quem havia falado em voz alta. Então pôde Alice verificar, espiando por cima dos ombros dos jurados, que todos se haviam pôsto a escrever nas pedras "Que bobagem!" Os que não sabiam escrever direito essa palavra, perguntavam ao vizinho. Outros colavam.

O lápis de um dêles não era lápis e sim prego, de modo que arranhava a lousa produzindo guinchos agudos que irritavam os nervos da menina. Isso a fêz deixar a sala e ir dar uma volta pelo pátio. Quando acalmou os nervos e voltou, achegou-se do jurado que escrevia com prego (era o Periquito, o tal lagarto que os leitores já conhecem) e deu-lhe um tapa na mão, fazendo o prego voar longe.

Periquito não percebeu de que modo ficara sem lápis e estêve uns instantes a procurá-lo de todos os lados. Por fim resignou-se a escrever com o dedo, embora seu dedo não conseguisse riscar nem uma só letra na lousa.

— Promotor, leia a acusação! ordenou o Juiz.

O Coelho Branco tocou três vêzes o clarim, para chamar a atenção dos presentes, e desenrolou o pergaminho. "O fato criminoso é êste", disse êle. "Sua Majestade a Rainha de Copas fêz uma fornada de lindos

bolos, em certo dia do mês corrente. O Valete de Copas entrou escondido na cozinha e comeu-os todos, mas todos, todos, sem deixar uma isca."

— Eis o crime, disse o Juiz. Vamos agora proceder ao julgamento.

— Ainda não, ainda não! apressou-se a gritar o Coelho Branco. Ainda há muito que fazer antes que os jurados possam deliberar.

— Chame então a primeira testemunha, ordenou o Juiz.

O Coelho Branco tocou novamente o clarim e gritou:

— A primeira testemunha que se apresente!

Era o Chapeleiro. Apresentou-se com uma xícara

de chá na mão esquerda e uma fatia de pão-de-ló na direita.

— Peço perdão a Vossa Majestade por apresentar-me assim, mas a explicação é que quando me chamaram para vir testemunhar eu não havia terminado de tomar

o meu chá, e não vejo razão nenhuma para interromper tão importante serviço.

— Acho que já devia ter acabado de tomar êsse chá, disse o Rei. Quando foi que começou?

— Creio que no dia 1.º de abril, Majestade, respondeu êle.

— Está enganado! interveio a Lebre Telhuda. Foi no dia dois.

— Dia três! emendou o Rato do Campo.

— Escrevam as datas nas pedras! ordenou o Rei. As três testemunhas lançaram as três datas nas respectivas lousas, somaram-nas e reduziram-nas a tostões e vinténs.

— Tire o seu chapéu! gritou o Rei ao Chapeleiro, notando que êle tinha o chapéu na cabeça.

— Não posso, respondeu o Chapeleiro. Não posso tirar o *meu* chapéu porque o chapéu que tenho na cabeça não é *meu*.

— Tomem nota, senhores jurados, do que êle acaba de confessar, disse o Rei. Declarou que o chapéu não é dêle. Logo, é de outro. Logo, furtou-o.

Os jurados escreveram nas lousas o que lhes fôra ordenado, mas o Chapeleiro explicou que não furtara coisa nenhuma; apenas, na sua qualidade de Chapeleiro, havia trazido aquêle chapéu para vender.

A Rainha então ergueu o lornhão e examinou curiosamente o Chapeleiro, que incontinênti se fêz pálido e nervoso.

— Diga tudo quanto sabe, ordenou o Rei, e domine os seus nervos, se não mando decapitá-lo aqui mesmo.

Êste aviso nada tranqüilizou a testemunha, pelo contrário! Mais nervoso ainda ficou o Chapeleiro, sempre de olhos postos na terrível Rainha. Era tal a sua confusão, que em vez de comer o doce e beber o chá, deu uma dentada na xícara e bebeu o pão-de-ló.

Nisto Alice sentiu que estava a crescer novamente, e tanto que teve vontade de sair correndo para o pátio. Pensando melhor, resolveu ficar na sala enquanto coubesse nela. A seu lado estava o Rato do Campo, que principiou a ser espremido pela menina.

— Não me empurre! Você assim me sufoca, disse êle.

— Não é culpa minha, respondeu Alice. É culpa do meu crescimento.

— Pois aqui ninguém tem o direito de ir crescendo assim. Incomoda aos demais, protestou o Rato.

— Não seja tolo! retrucou Alice. Você está a fazer o mesmo.

— Não nego, mas eu cresço normalmente, como todos os ratos crescem, e não despropositadamente, como você. Isso de crescer assim é ridículo e impróprio para uma menina bem educada, concluiu com mau humor, deixando o seu lugar.

Durante todo êsse tempo a Rainha não desviara os olhos do Chapeleiro, dizendo por fim a um dos oficiais da guarda:

— Traga a lista dos que cantaram no concêrto.

Ao ouvir semelhante coisa, o Chapeleiro tremeu da cabeça aos pés, a tal ponto que os sapatos lhe pularam longe.

— Diga o que sabe! ordenou novamente o Rei em voz colérica. Continue! Do contrário mandá-lo-ei esfolar vivo, quer esteja nervoso ou não.

— Sou um pobre coitado, Real Senhor! exclamou o Chapeleiro com voz trêmula. Comecei a tomar chá há uma semana; as fatias de pão-de-ló eram muito finas...

— Que é que está a dizer? berrou o Rei. Pensa que sou algum idiota?

— Sou um pobre coitado! repetiu o Chapeleiro. Depois que comecei a tomar chá as coisas ficaram pretas. Foi, então, a Lebre Telhuda e disse...

— Eu não disse nada! apressou-se a declarar a Lebre.

— Disse, sim, não negue! tornou o Chapeleiro.

— Nego, sim! Não disse nada!

— Basta! interveio o Rei. Já sei que a senhora nega o fato. E virando-se para o Chapeleiro: — Que mais tem a dizer?

— Se não foi ela, continuou êste, então foi o Rato do Campo que disse! continuou o acusado, olhando ansioso para o Rato com mêdo de que êle também negasse. Mas o rato, que dormia a bom dormir, nada negou.

— Depois, prosseguiu o Chapeleiro, cortei mais pão-de-ló, e . . .

— Mas que foi que disse o Rato do Campo? perguntou um dos jurados.

— Não me lembro mais, respondeu o Chapeleiro. Faz tanto tempo . . .

— Pois, você tem de lembrar-se, se não morrerá esfolado vivo! berrou o Rei furioso.

— Sou um pobre coitado, Real Senhor! exclamou novamente o mísero.

— Malandro de marca maior é o que você é, seu grande patife! concluiu o Rei.

Nesse instante um porquinho da Índia aplaudiu o Rei com palmas e bravos, sendo interrompido por um dos oficiais de justiça, que o tomou pelas orelhas e o meteu num saco, sentando-se em cima.

— Estou satisfeita de ver como é que se faz no júri, pensou Alice consigo. Nos jornais muitas vêzes li nas notícias dos julgamentos: "Houve por parte da assistência uma tentativa de aplauso, que foi abafada pelos oficiais de justiça. Mas só agora aprendi como é que os oficiais de justiça abafam os aplausos dos jurados."

— Se é isso tudo quanto tem a dizer, continuou o Rei, então sente-se.

— Não posso sentar-me, respondeu a testemunha, porque já estou sentada.

— Então deite-se! berrou o Rei.

Outro porquinho, que achou graça na resposta e aplaudiu, foi metido no saco, e o oficial sentou-se em cima, como o primeiro.

— Acabaram-se os porquinhos da Índia, pensou Alice. Com certeza agora ninguém mais aplaude.

— Eu preferia que Vossa Majestade me desse ordem para acabar de tomar o meu chá, pediu humildemente o Chapeleiro, olhando para a Rainha que nesse momento lia a lista dos cantores do último concêrto.

— Ponha-se daqui para fora! berrou o Rei, erguendo-se do trono com os olhos chispantes.

O Chapeleiro não esperou segunda ordem. Saiu no galope, esquecido até de apanhar os sapatos que lhe haviam escapado dos pés com o tremor.

— E cortem-lhe a cabeça no pátio! ordenou a Rainha, mas já sem tempo, porque o Chapeleiro ia a um

quilômetro de distância, correndo mais veloz que dois veados.

A segunda testemunha chamada foi a cozinheira da Duquesa. Trazia um pacote de pimenta na mão, e antes

que se colocasse no tablado, onde as testemunhas vinham depor, já os assistentes mais próximos começaram a espirrar que não se acabava mais.

— Preste o seu depoimento! disse o Rei.

— Não posso! respondeu a cozinheira.

O Rei olhou de revés para o Coelho Branco, que o aconselhou em voz baixa: "Vossa Majestade deve fazer outras perguntas a esta senhora."

— Muito bem, exclamou o Rei em tom melancólico. Se devo, devo. E, chegando-se bem perto da testemunha, perguntou:

— Como é que se faz bôlo de frigideira?

— Com pimenta, respondeu ela.

— Com pimenta, não; com polvilho contestou uma voz. Era a voz do Rato do Campo, que acordara naquele momento.

A Rainha enfureceu-se com o aparte e berrou:

— Prendam êsse Rato do Campo! degolem êsse Rato do Campo! Abafem, afoguem êsse Rato do Campo! Arranquem-lhe as barbas e a cabeça!

Houve grande reboliço durante o qual a cozinheira desapareceu. Quando voltou a ordem e deram pela sua falta, o Rei apenas disse:

— Não faz mal. Estamos livres dessa espirradeira. Até eu estava a ponto de espirrar. Chamem a terceira testemunha. E voltando-se para a Rainha disse: — Acho, Rainha, que é você quem deve interrogar agora. Estou cansado e com dor de cabeça."

O Coelho Branco procurou no pergaminho o nome da terceira testemunha e com grande surprêsa da menina gritou:

— Alice!

CAPITULO XII

O DEPOIMENTO DE ALICE

PRESENTE! respondeu ela. E esquecendo-se que havia crescido muito nos últimos minutos, pulou de um salto para a frente de Suas Majestades, varrendo com a saia todo o tribunal do júri.

— Oh, peço que me perdoem! exclamou logo que deu pelo desastre. E começou a juntar do chão os pobres jurados para pô-los de novo nos seus lugares.

— O julgamento não pode continuar sem que todos os jurados estejam *direitos* nos seus postos, declarou o Rei gravemente, deitando sôbre Alice um olhar terrível.

Alice, que já havia arrumado os jurados, olhou para a mesa para ver se faltava algum, e viu que estavam todos. A única diferença era que havia colocado o Periquito de cabeça para baixo. O pobrezinho sacudia no ar a cauda, feito um chicotinho, não sabendo como desvirar-se. Alice correu a tirá-lo daquela triste posição, refletindo consigo que bem pouco adiantava ao julgamento que a criaturinha estivesse de cabeça para baixo ou para cima.

Assim que os jurados se refizeram do susto, tomaram as pedras e os lápis, começando a escrever a história do acidente. Só Periquito nada escrevia, tal era

a sua emoção. Estava de bôca aberta, com os olhos fitos no fôrro.

— Que sabe você a respeito dêste caso? perguntou o Rei afinal.

— Eu? Nada!

— Nada, nada mesmo? insistiu o Rei.

— Nadíssima mesmíssimo! continuou a menina.

— Êste depoimento é muito importante, disse o Rei aos jurados, que imediatamente escreveram nas pedras as reais palavras. Mas o rei distraiu-se com a palavra "importante" e começou a repetir de si para si, em voz alta: "importante, sem importância, importante, sem importância..." e os jurados escreveram as

duas coisas, o que era um absurdo. Alice viu o êrro, mas refletiu que no fim tudo dava certo.

Nesse momento o Rei, que também escrevera qualquer coisa no seu livro de notas, exclamou: "Silêncio!" Em seguida passou a ler.

— Diz o artigo 42: *Tôdas as pessoas cujo tamanho exceda de um quilômetro, são obrigadas a deixar o recinto do tribunal.*

A assistência inteira olhou para Alice.

— Que é que querem de mim? gritou ela. Eu não tenho um quilômetro de altura.

— Tem! afirmou o Rei.

— Tem até dois! ajuntou a Rainha.

— Pois muito bem! declarou Alice com energia. De qualquer forma não sairei daqui, porque êsse artigo não é legal. Foi você quem o inventou agorinha mesmo!

— É o artigo mais velho da constituição dos tribunais, declarou o Rei.

— Se é o mais velho, devia ser o artigo número *um* e não o número *quarenta e dois.*

O rei empalideceu e apressou-se em guardar o livro de notas. Estava evidentemente todo errado.

— Vejamos a sentença, disse êle voltando-se para os jurados.

— Há mais provas a examinar, interveio o Coelho Branco. Êste papel ainda não foi lido ao tribunal.

— Que é que está escrito nêle? inquiriu a Rainha.

— Não sei. Ainda não o abri, disse o Coelho Branco. Mas parece-me carta do acusado escrita para alguém.

— Qual o nome do destinatário? perguntou um jurado.

— Não tem enderêço nenhum, disse o Coelho. Nada há escrito do lado de fora — e, enquanto ia falando, desdobrava no ar o tal papel.

— Não é carta, declarou por fim. É uma poesia!

— Escrita pelo próprio punho do Valete de Copas? inquiriu um jurado.

— Não! respondeu o Coelho. A letra não é dêle. Deve ter imitado a caligrafia de alguém.

O tribunal estava boquiaberto de curiosidade.

— Perdão, Majestade! disse o Valete de Copas. Eu não posso ser acusado de ter escrito o que não assinei e o que não representa minha letra.

— Nesse caso, pior ainda! objetou o Rei. Se não assinou e não usou a sua letra natural, então é que tinha algum mau intuito. Se não fôsse assim, assinaria naturalmente e não mudaria de letra.

Todos bateram palmas, porque era realmente a primeira coisa sábia que o Rei ainda dissera.

— Prova, nada! berrou Alice. Pois se nem leram o que está escrito, como prova ou não prova? Súcia de imbecis!

— Então leia, ordenou o Rei achando que ela tinha razão.

O Coelho Branco pôs os óculos e indagou:

— Por onde devo começar, Majestade?

— Comece pelo princípio, respondeu gravemente o Rei.

Carrapato, carrapicho,
Carrapicho, carrapato,
Patocarra, pichocarra,
Pichocarra, patopicho . . .
Carracarra, pichopato.

— Eis a prova mais evidente que ainda vi em minha vida! exclamou o Rei triunfante, esfregando as mãos. Nada mais resta a provar. Os senhores jurados estão habilitados a dar sentença.

— Esperem um pouco! gritou Alice. Se algum dêles puder explicar o que os versos significam, ganhará um tostão furado. Não creio que haja a menor parcela de prova nas palavras que acabam de ser lidas.

Os jurados escreveram em suas pedras: "Ela não crê que haja a menor parcela de prova no que acaba-

mos de ouvir ler." Mas nenhum tentou explicar o que significava o papel.

— Se não há a menor parcela de prova na poesia, observou o Rei, isso nos evita o trabalho de procurá-la.

Ainda assim, não sei ... disse, colocando o papel sôbre os joelhos. Parece-me que há alguma evidência ... Pichocarra ... Você pichocarra?

O Valete de Copas abanou tristemente a cabeça e respondeu: "Quem me dera pichocarrar!"

O Rei olhou-o de revés.

— Isto aqui tem um sentido oculto, disse. Pichocarra quer talvez dizer o seguinte: "Fui eu mesmo quem comeu os *bolos da Rainha e quero ver* quem *descobre* isso." Notem os senhores jurados que as letras da palavra pichocarra acham-se tôdas repetidas na frase que eu acabo de apresentar.

Os jurados escreveram nas lousas as letras que o Rei grifara e viram que formava a palavra "bichocarra" e não "pichocarra." Um dêles alegou isso em defesa do réu.

— Sim, concordou o Rei, mas o Valete é dos tais que trocam o B pelo P, vício de pronúncia que nêle notei há tempos. Assim sendo, a prova está provada e agora cumpre aos senhores jurados darem a sentença.

— Não! bradou a Rainha. Primeiro a execução, depois a sentença.

— Que asneira! exclamou Alice. Como é que a execução pode vir sem haver sentença?

— Faça o obséquio de calar essa bôca! disse a Rainha com ironia.

— Sou dona da minha bôca e da minha palavra! Calo ou falo quando me apraz, retrucou Alice colérica.

— Cortem-lhe a cabeça! berrou a Rainha no auge da cólera.

Ninguém se mexeu para executar a ordem.

— Vê? exclamou Alice com desdém. Ninguém liga a mínima importância às ordens de sua Majestade. A senhora não passa de uma simples Rainha de Baralho.

Mal disse aquilo, todo o baralho avançou para ela, numa fúria, fazendo Alice dar um grito de mêdo e abor-

recimento. Era uma chuva de naipes, de ases, de valetes, de reis, de damas, de setes, de biscas, de coringas que não tinha mais fim. Tantos e tantos naipes, que Alice se sentiu sufocada e . . . abriu os olhos. Viu-se en-

tão no jardim do comêço desta história, deitada no banco, com a cabeça nos joelhos de sua irmã, que lhe passava carinhosamente a mão sôbre a cabecinha loura.

— Acorde duma vez, Alicinha! Você está dormindo demais hoje.

— Oh, exclamou ela sentando-se e esfregando os olhos. Tive um sonho tão comprido e interessante...

E contou uns pedaços à irmã.

— Muito interessante na verdade, Alice, mas é hora da merenda. Vá para dentro.

Alice ergueu-se e foi a correr tomar a merenda. Enquanto corria tratava de recordar todo o sonho, porque se não fizesse assim, logo o esqueceria completamente. E não queria esquecer aquêle sonho que era o mais lindo que jamais tivera — o sonho das suas aventuras no País das Maravilhas.

OBRAS COMPLETAS
DE
MONTEIRO LOBATO

EM 30 VOLUMES

1.ª Série — LITERATURA GERAL
(13 volumes)

VOL.

1 — Urupês
2 — Cidades Mortas
3 — Negrinha
4 — Idéias de Jeca Tatu
5 — A Onda Verde e o Presidente Negro
6 — Na Antevéspera
7 — O Escândalo do Petróleo e Ferro
8 — Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital
9 — América
10 — Mundo da Lua e Miscelânea
11 — A Barca de Gleyre - 1.º Tomo
12 — A Barca de Gleyre - 2.º Tomo
13 — Prefácios e Entrevistas

2.ª Série - LITERATURA INFANTIL
(17 volumes)

VOL.

1 — Reinações de Narizinho
2 — Viagem ao Céu e O Saci
3 — Caçadas de Pedrinho e Hans Staden
4 — História do Mundo para as Crianças
5 — Memórias da Emília e Peter Pan
6 — Emília no País da Gramática e Aritmética da Emília
7 — Geografia de Dona Benta
8 — Serões de Dona Benta e História das Invenções
9 — D. Quixote das Crianças
10 — O Poço do Visconde
11 — Histórias de Tia Nastácia
12 — O Picapau Amarelo e A Reforma da Natureza
13 — O Minotauro
14 — A Chave do Tamanho
15 — Fábulas e Histórias Diversas
16 — Os Doze Trabalhos de Hércules — 1.º Tomo
17 — Os Doze Trabalhos de Hércules — 2.º Tomo

EDITÔRA BRASILIENSE
RUA BARAO DE ITAPETININGA, 93 — S. PAULO